

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Fomos prazenteiramente surprehendidos com a agradavel noticia de uma mensagem do sr. presidente da Republica ao Senado, com o autographo da resolução do Congresso, approvando os actos do governo durante o ultimo estado de sitio, devidamente sancionada.

A nossa surpresa não foi provocada pela approvação dos actos do governo, porque é um dos capitulos do Evangelho politico approvar o Congresso os feitos do seu creador, do seu eleitor, daquelle em cujas entranhas foi gerado; não proveio tambem da sanção propriamente dita, porque não é possivel o absurdo de se revoltar o governo contra o *bill* de idemnidade absolvendo-o de todas as medidas excessivas, iuspiradas pelo terror ou por um legitimo instincto de defeza propria, intimamente ligada á preservaçao da ordem publica: o que nos infligiu uma commovedora explosão de espanto foi a repetição dessa estranha praxe de ser o governo réo e juiz ao mesmo tempo, comparecendo ao supremo tribunal da soberania nacional e sancionando, elle mesmo, o *verdictum* implorado.

Não ha duvida que uma das mais sublimes funcções constitucionaes do poder executivo é partilhar das attribuições do poder legislativo sancionando ou vétando as deliberações deste; destas, porém, algumas escapam, pela sua natureza, á intervençao daquelle orgão do aparelho digestivo da Republica.

Meditando bem sobre este ponto de direito politico, chega-se, forçosamente, á conclusao de que, quem póde sancionar, póde vétar. Assim como o presidente da Republica tem attribuição para sancionar a resolução que approvou, consoladoramente, os seus actos durante os tres estados de sitio, deveria tel-a tambem para a delibe-

ração que reprovasse aquelles actos, creando uma situação de difficuldades inextrinçaveis.

Se uma resolução dessa ordem se equiparar ás outras, propriamente legislativas, chega-se ao surprehendente resultado que pôz em superexcitado movimento os meus decrepitos miólos, deshabituaados a esses conflictos entre os factos e a razão, entre a pratica e as infalliveis indicações do bom senso.

No regimen dessa praxe, seria logico conceder ao poder executivo a faculdade de negar sanção á deliberação do Congresso suspendendo o sitio, decretado na sua auzencia, nos breves dias em que as estiradas sessões parlamentares permittirem aos representantes da nação, rapida visita aos seus eleitores, ás suas familias, aos seus penates.

A consequencia seria, neccessariamente, uma briga entre comadres: o Congresso diria: está suspenso o sitio; não ha necessidade disso; o presidente da Republica replicaria: está se ninando; sómente eu sei as linhas com que me cõso. Não sanciono o teu disparate, e haja sitio.

Esses conflictos do absurdo com o verosimil seriam evitados, si fõssem obedecidos os dictames de raciocinio, superiores á intrinçada frieza dos textos legaes, mal entendidos e peor applicados. Esses dictames affirmam, na sua simplicidade lucida, intuitiva, que ha deliberações excluidas por sua natureza da intervençao, da collaboraçao do poder executivo, sendo uma dellas essa concernente ao conhecimento e julgamento dos actos praticados pelo governo, durante o interregno constitucional, (phrase recentemente consagrada) grande hiato de que não escaparam as proprias immunidades dos representantes da nação, conforme a jurisprudencia que elles firmaram, num grande e patriotico assomo de servilismo ultra conservador.

A Constituiçao não justifica nem impõe essa pratica. Cascavilhando nas

suas entranhas mesentericas, verifica-se que ella contém o preceito de legislar o Congresso sobre o uso ou abuso das attribuições excepçionaes, conferidas ao Poder Executivo durante o estado de sitio. Ella impõe apenas a obrigaçao, compendiada no art. 80: « Logo que se reunir o Congresso, o presidente da Republica lhe relatará, motivando-as, as medidas de excepção que houverem sido tomadas ».

Está claro, como a luz meridiana, que esse relatorio não póde determinar uma deliberação legislativa. O Congresso estuda-o, approva ou reprova os actos ou as façanhas nelle descriptas: no primeiro caso, promulga a sua deliberação repicando os sinos e soltando o foguetorio dos louvores á patriotica attitudo do governo salvador da ordem publica e das instituições; na segunda hypothese, defrontará a dolorosa contingencia de mandar submeter a processo o presidente que esguichou fóra da amphora constitucional com actos de violencia, de desbordamentos puniveis.

Num, como noutro caso, a sanção é uma excrescencia absurda, pela evidentissima razão de que é inadmissivel, como consagração do acto do Congresso, julgando a responsabilidade de quem tem a attribuição de sancionar, collocando o presidente da Republica na curiosa, na grottesca posição de réo, sancionando a sentença do tribunal que o julgou.

Esse caso deveria ser equiparado, pela identidade perfeita, á sentença do Senado constituido em tribunal de justiça, cuja seutença é promulgada soberanamente, sem dependencia de intervençao de qualquer dos outros poderes.

Bastaria que o Congresso communicasse ao presidente da Republica que os seus actos fõram approvados, que os representantes da nação tinham entoado um humilissimo *amen*, lamentando que s. ex. não fõsse menos clemente, dando para baixo

com mão de ferro nessa cambada de revoltosos que vivem perturbando o placido somno da Republica, revoltosos que elle, Congresso, acabava de glorificar com a apothese da amnistia, correndo o denso véo do olvido sobre os luctuosos acontecimentos de 14 de novembro. Seria uma incougruencia com as luzes, com a sabedoria official do Congresso, amnistiar os responsaveis por esses factos e não amnistiar o presidente da Republica, responsavel pelos excessos indispensaveis para a affirmação da força e do prestigio do Poder Executivo.

Além disso, dava-se, no caso, certa cumplicidade resultante da patriotica attitude do Congresso, submettendo-se de bôa vontade ao papel de subscrever, incondicionalmente, os decretos de estado de sitio.

Se, porém, bem estudadas as disposições constitucionaes e admittidas a obediencia passiva ás imposições da praxe, era indispensavel a sancção, como santos oleos para o sacramento dos actos do governo, ella deveria ser especial, *sui generis*, adaptada ás circumstancias. Não deveria consistir na repetição de uma fórmula banal de consagração das leis ordinarias, mesmo muito ordinarias que vão deturpando as instituições democraticas, seuão de uma expansão de agradecimento sincero, enunciada em termos de assucarada ternura para exprimir, de maneira pallida, a gratidão do presidente da Republica.

Ou isto, uma sancção sentimental, uma saucção concisa, misturada de gratidão e mysticismo, nestes termos :

— Muito obrigado. Deus lhe pague; Nosso Senhor lhe dê vida e saúde para futuros actos de misericordia.

POJUCAN.

### Um Compendio de Geographia elementar

Uma disciplina infeliz no Brazil é a geographia. Desde que aqui começou a ser ensinada até hoje o foi sempre broncamente, por máus professores, salvo algumas raras excepções, e máus compendios que, ainda depois da refôrma radical porque passou o estudo da geographia no meiado do seculo passado, principalmente na Allemanha, não viam na geographia sinão um rôl de nomes de accidentes e de lugares. Em geographia, como

em tudo o mais, a nossa unica mestra era a França, que nunca soube geographia, como lhe reprochava Goethe, e que foi talvez o ultimo dos paizes de grande cultura a se pôr na escola da nova concepção do que era esta sciencia da descrição do planeta. Ainda hoje, apesar dos E. Reclus, dos Schraders, dos Lablaches, e de todo esse movimento de refôrma do ensino geographico em França, tal ensino ainda allí deixa muito a desejar, ainda se resente do velho criterio que por seculos o dirigiu, ainda é, em summa, atrazado. É principalmente por compendios francezes, e dos mais defeituosos, como o chamado de F. I. C., hoje aqui muito em voga, não obstante pessimo, que ensinam e aprendem os nossos professores e discipulos de geographia. De sorte que nesse ensino entre nós reina ainda despoticamente a nomenclatura arida, a decoração bronca de coisas desnecessarias; e que verdadeiramente o estudo da terra, dos seus aspectos, das suas feições, como habitaculo do homem e campo da sua actividade, da sua influencia na direcção dessa actividade, dos estorvos que lhe oppõe ou das facilidades com que o favorece, fica sempre por fazer.

No Brazil, a nova concepção dos estudos geographicos entrou com os trabalhos, originaes ou não, mas todos, infelizmente fragmentarios, do sr. Capistrano de Abreu, o vulgarizador da *Geographia physica do Brazil* de Wappæus, (1884) que é ainda hoje o nosso melhor livro do assumpto. Antes, é certo, os trabalhos do professor Hartt, e dos seus companheiros da Commissão geologica, Smith, Derby, Branner, tinham applicado á geographia do Brazil o novo criterio desses estudos. Mas aquella obra de Wappæus e outras publicações geographicas do sr. Capistrano de Abreu fôram que aqui o vulgarizaram. Vulgarizaram é um modo dizer, porque a despeito dellas e da excellente traducção do magnifico livro de Elisen Reclus sobre o Brazil, o nosso modelo continúa ser o Gauttier, e quejandos, e os nossos compendios de geographia mais populares são os de Fuão Lacerda, uns livros indigestissimos, cuja só adopção no nosso ensino geographico é o maior documento contra este.

Do que é esse ensino aqui, ainda nos estabelecimentos mais famosos, dará testemunho este facto, passado commigo. Vi um dia, quando dirigia um desses estabelecimentos, chegar-se a mim o professor que então ensinava essa materia, e muito contente communicar-me que alguns dos seus discipulos tinham-lhe, aquelle dia, dito de cór mais de 50 cidades e villas de Minas-Geraes. E ainda tenho presente o escandalo que lhe causei, quando lhe obtemperei :

— E que monta isso? No meu paecer, não vale nada; esses rapazes não ficam conhecendo Minas por lhe saberm o nome de 50 cidades e villas, que terão esquecido dentro de poucos dias, desde que a esses nomes não se liga no seu espirito nenhuma circumstancia que deva favorecer a retenção delles na sua memoria.

O professor, que morreu em cheiro de geographo, mas que de geographia nunca teve nenhuma idéa exacta, ficou sem duvida tendo de mim fraca opinião, e perseverou com certeza em fazer os seus pobres alumnos decorar nomes, a pretexto de estudarem geographia. Sei de outros casos analogos, como de se exigir que os discipulos digam de cór os gráus de latitude e longitude em que ficam taes paizes, o numero exacto da sua superficie kilometrica ou da sua população, etc. E' aqui coisa muito commum nas aulas de geographia exigir dos alumnos não só a nomenclatura exhaustiva dos accidentes geographicos, mas o seu numero, assim: a Europa tem tantos cabos, tantas peninsulas, tantos golphos, como si fôsse possivel saber com certeza mathematica, que essa numeração suppõe, o numero desses e que taes accidentes.

Lastimando como pedagogo e como pae esta miseravel situação do ensino geographico, com real prazer soube que o professor Said Ali preparava um compendio de geographia.

O professor Said Ali é um dos nossos melhores espiritos pela segurança da sua cultura, feita com seriedade em fontes bôas e originaes, por uma indole mental pouco dada ás phantasias e improvisos da nossa pseudo erudição, e por um criterio pedagogico devido a uma bôa instrução germanica, theorica e pratica. Comquanto estude e trabalhe muito, escreve pouco, mas o que escreve é bom, porque é estudado, reflectido, penderado e não vem directamente das revistas de vulgarização barata e das encyclopedias *à la portée des gens du monde*. Os seus trabalhos de linguistica, e a linguistica é sua especialidade, são seguramente das mais criteriosas que temos, e é realmente pena que elle não tenha produzido mais.

Comquanto não seja geographo nem professor de geographia, o sr. Said Ali offerecia garantias de um trabalho, embóra elementar e de segunda mão, meditado e bem feito.

E não nos enganamos. O seu pequeno compendio de geographia, editado pela casa Laemmert, é, para o ensino a que se destina, excellente. Sem a aridez das interminaveis nomenclaturas, diz o necessario para o conhecimento, feito com intelligencia e aprazimento, do Globo. A sua lingua é simples, clara, sem os pedantismos costumeiros da nossa sciencia de impro-

viso, potamographias, acrotreographias, e outras inuteis gregrices geographicas que passaram dos sabios tratados europeus para os nossos mofinos compendios elementares. Toda a exposiçao, sobre correctã e conforme com as mais recentes e mais bem apuradas aquisiçoes geographicas, é methodica, simples, natural, correntia, sem difficuldades de estylo ou de vocabulario, em summa, feita com intelligencia. Attendendo a importancia historica, politica e social de cada parte do mundo, e de cada paiz, nenhum é sacrificada ao outro, todas têm neste compendio importancia merecida. E, sem abusar do pitoresco, abuso que é tambem um defeito no ensino elementar da geographia, este compendio emprega-o discretamente, deixando ao mestre ampliar-o segundo lhe parecer melhor. Em todo caso, terá o mestre neste compendio um bom guia, muito melhor do que ha por ali em portuguez.

Tenho, entretanto, uma censura ou, ao menos, um reparo a fazer-lhe, referente á transcriçao dos nomes geographicos estrangeiros.

Penso que devemos, seguindo o que fizeram os nossos maiores, os classicos da nossa lingua, e o que praticam quasi todos os povos cultos, transcrever os nomes geographicos estrangeiros segundo a indole do nosso falar. E' mais um signal de autonomia e de individualidade que uma lingua dá de si. Sei que é muito difficil, sinão impossivel, estabelecer um criterio seguro para essas transcriçoes. Mas o povo, mais sabio que os philologos, nol-o fornece, ao menos praticamente. Assim o povo portuguez não consentiu em dizer *London* mas *Londres*, *Bordeaux* mas *Bordéos*, *Toulouse* mas *Tolosa*, *Firenze* mas *Florença*. E os seus escriptores, os seus classicos, muitos dos quaes fôram tambem os seus geographos, no mais lato sentido desta designaçao, os seus navegadores, que fôram os grandes descobridores do mundo e os grandes factores da geographia do seculo XV ao XVII, transcreveram sempre os nomes exóticos adaptando-os á indole phonetica da sua lingua e ao seu ouvido e falar portuguez. E com tanto mais direito o faziam, ao menos pelo que toca aos mundos novos, que eram elles que revelavam esses nomes ao mundo. E' notavel, e em honra desses descobridores de todo estranhos á philologia, que as modernas investigaçoes geographico-philologicas justificam as suas transcriçoes. Si bem que o criterio que temos para ellas seja ainda indeciso e falho, ha já, nos escriptos dos antigos portuguezes, nos seus classicos que trataram dos factos dos descobrimentos e conquistas, inclusive nos seus poetas, como Camões, na tradiçao oral da lingua e tambem em trabalhos especiaes mais

recentes dos philologos portuguezes, como os srs. Gonçalves Vianna, Vasconcellos Abreu, Candido de Figueiredo e outros, elementos bastantes para o estabelecer, com relativa segurança. E o sr. Said Ali tinha tudo o que era preciso para concorrer effizaz e competentemente para essa obra da fixaçao da onomastica geographica da nossa lingua.

Entretanto, o seu compendio mantém e até exagera o mesmo systema, ou melhor, modo incongruente e disparatado de transcriçao dos nomes geographicos exóticos. E muitas vezes tambem manifestamente errado ou illogico. Assim escreve em francez *Isle de France* num compendio para brazileiros, e segundo uma orthographia usual, mas evidentemente errada, *Pariz* com *z* em vez de *s*.

Si em portuguez já existem e auctorizadas, Ruão, Loira, Vendéa, Bordéos, Tolosa, porque conservar no seu compendio as fórmas francezas, Rouen, Loire, Vendée, Bordeaux, Toulouse? Franche Comté deveria ser escripto Franco-Condado ou Condado-franco, como se diz e se escreve geralmente. E eu poderia multiplicar estes reparos, notando crescido numero de casos particulares, a que se applicam. E ha nisto incoherencia, porque ás vezes o sr. Said Ali dá os nomes na sua fórma portugueza ou aportuguezada, outras vezes na sua fórma indigena.

Mais me repugna este seu modo de proceder em se tratando de nomes africanos ou asiaticos, nomes que fôram os portuguezes que revelaram á Europa, a cuja deturpaçao posterior nós os vamos tomar errados. Por imitaçao de estrangeiros, cuja lingua não pôde dar o ditongo *ão*, dizemos erradamente Turkestan, Belutchistan, Afghanistan, quando deviamos fazer essas palavras terminarem em *tão*, como Hindostão. Foi assim que transcreveram todos esses nomes, inclusive Sudão, os antigos escriptores, viajantes e geographos portuguezes; assim dizia o povo. De algum tempo a esta parte em Portugal, e aqui mesmo, entrou-se a voltar a estas fórmas em *tão*, unicas correctas. Porque preferiria o sr. Said Ali a fórma dos estranhos? E, entretanto, escreve muito bem Sudão, como escreve muito bem Timbaktu e Dahomé, e não Tombuktú e Dahomey, como andam por ali viciosamente escriptos.

Mas, que levou o sr. Said Ali a chamar Massauá á cidade da Erytréa, na Abyssinia, que elle escreve Abessinia, talvez com melhor razao etymologica? Os francezes escrevem este nome *Massaouah*, os italianos *Massaua*, os inglezes *Massawa* ou *Massowah*. Camões (Lus. X, 97) e Barros, porém, escreveram Maçuá. Pois não seria melhor conservar esta transcriçao, que com cer-

teza é legitima? Porque não havemos de, como elles, escrever e dizer Camboja, Guardafú, Ainão, em vez de ir pedir a estranhos a transcriçao de nomes que, pela maior parte, fôram os nossos antepassados que lhes ensinaram?

Mais grave do que estes senões, ou que tal me parecem, é escrever o sr. Said Ali Algeria, á franceza, quando a palavra em portuguez é Argelia, como é Argel a sua capital.

Parece-me ter toda a razao o eximio philologo portuguez, sr. Gonçalves Vianna, quando reclama que os compendios geographicos indiquem a pronuncia portugueza dos nomes proprios, visto como no ensino dessa disciplina convém não deixar introduzir erros que difficilmente se corrigem ao depois.

Esta necessidade foi inteiramente desconhecida no *Compendio* do sr. Said Ali, e nas aulas em que elle fôr empregado continuará a incerteza prosodica, de Sahara ou Sahará, Oceania ou Oceânia, Gibráitar ou Gibraltár. Nem o facto de não ser ainda possivel fixar uma graphia e uma pronuncia correctã para todos esses vocabulos, não justifica se continue a deixal-as ao bel prazer de mestres, nem sempre capazes; havendo já crescidissimo numero desses nomes cuja graphia e pronuncia pôdem ser fixados. Ao menos para esses, conviria uma transcriçao systematica.

Como vêem, estes reparos em nada prejudicam o valor real do *Compendio de geographia elementar* do sr. Said Ali. Si elle os achar attendiveis, como me parecem, facilmente corrigirá esse defeito nas successivas ediçoes, que não pôde deixar de ter o seu livro,

Nessas convirá tambem, e muito, melhoral-o com maior copia de illustraçoes e algumas cartas geographicas, cuja falta é sensivel nesta primeira ediçao.

JOSÉ VERISSIMO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*As poeiras — Longas experiencias sobre o emprego do chlorureto de magnesium contra o sublevamento da poeira.*

Um eminente chimico de Tarbes, Philibert-Delair, fez longas experiencias sobre o emprego, contra o sublevamento da poeira, do chlorureto de magnesium, que, pela sua natureza muito deliquescente em soluçao concentrada, se evapora lentamente, de sorte que certos corpos ou materias impregnados delle conservam uma especie de humidade que os torna aptos a se fixarem como as poeiras e diminutos residuos, tornando-os mais pezados sem se aglutinarem, donde se

deduziu a indicação daquelle producto contra o pó dos ladrillos e das ruas.

Elle não tem a propriedade de supprimir a materia pulverulenta nem as suas causas; o seu papel se limita a communicar-lhe certa densidade que impede se tornar ella incommoda ou favorecer a dispersão de germens infecciosos.

Duas applicações successivas, com um dia de intervallo, de uma solução hydratada a 3º B., bastaram para impregnar, durante seis mezes, as madeiras empregadas na construcção de assoalhos. A inibição é completa duas horas após a applicação. A varredura se opera, então, em excellentes condições: o pó, posto em movimento, cae em vez de se sublevar e é arrastado e expellido sem difficuldade.

A solução de chlorureto de magnésium a 30º B., vale 9 francos o hectolitro. Um litro póde impregnar uma superficie de 6 metros quadrados, de sorte que a despêza com duas applicações vem a ser de 0, fr. 03, por metro quadrado. Nos caminhos e ruas, a solução deve ser de 20º B.

O processo é simples e barato.

\* \*

*Telegrapho sem fio — A radioterapia applicada á mechanica — As experiencias do sr. Branly no Trocadero.*

O sr. Branly fez recentemente no Trocadero, em Pariz, experiencias sobre a radiographia applicada á mechanica.

Nessa ordem de idéas, na Exposição de S. Luiz, um premio deveria ser conferido ao inventor que conseguisse transmitir, sem fio, a energia de um decimo de cavallo á distancia minima de 300 metros da fonte. Esse premio não foi ganho: queria-se applicar á descoberta dos balões dirigiveis. Da mesma maneira, seria possível manobrar lemes de navios, regular a marcha e direcção de torpedos automoveis e de submarinos.

Um professor da Universidade de Strasburgo, o sr. Braun, descobriu um processo pelo qual as ondas hertzianas pódem ser transmittidas em uma só direcção seguindo uma linha recta, ao passo que, antes, ellas se espalhavam numa série de movimentos circulares. As ondas são projectadas por uma especie de reflector.

Essas experiencias, que tanto interesse suscitaram na Europa e na America do Norte, visam o objectivo que o nosso conterraneo sr. Torquato Lamarão conseguiu com o mais brilhante exito, applicando ondas hertzianas á direcção de um torpedo automatico com os multiplos movimentos que temos, por vezes, descripto nesta secção dos *Annaes*.

As experiencias repetidas, feitas pelo inventor brasileiro, fôram uma demon-

stração completa da applicação da radiographia á mechanica.

Elle teria, certamente, ganho o premio da Exposição de S. Luiz si não fôsse um brasileiro asphyxiado na atmosphera de indifferença, onde succubem, ignorados ou ficam reduzidos á inercia, os homens que inventam alguma coisa neste paiz.

Não será para admirar que, um bello dia, venha do estrangeiro a noticia dessa maravilhosa descoberta como uma novidade que tem, no Brazil, pelo menos, quatro annos de existencia e vulgarisação restricta aos nossos limites territoriaes, porque as nossas idéas não conseguem atravessar o Atlantico.

Se Santos Dumont realisasse as suas experiencias no Brazil não seria, como é hoje, uma celebridade mundial.

\* \*

*Somno extraordinario de Benita de la Fuente, durante trinta e dois annos.*

De Burgos signalam o caso extraordinario de uma mulher de Villacienzo, Benita de la Fuente, que despertou depois de 32 annos de somno.

Foi em 1874 que ella caíu em cataleptia. Desde então, a sua unica alimentação consistiu na absorpção forçada de uma pouca d'agua, de caldo ou de leite.

Essa mulher, depois de despertar, recuperou a fala e pediu que lhe não dessem mais leite. Tres dias mais tarde, a familia fel-a levantar e andar pelo quarto. Ella reconheceu todos os parentes, mas não se lembra de coisa alguma anterior ao somno e recusa, absolutamente, crer que estivesse dormindo durante 32 annos.

Adormeceu moça e despertou velha, pois conta, actualmente, 62 annos de idade.

\* \*

*Os ultimos estudos do dr. Lachaud sobre a tuberculose no exercito francez applicaveis ao nosso — Os resultados.*

Téem immediato interesse para os nossos profissionaes militares, preocupados, neste momento, com a reforma do exercito, os estudos do dr. Lachaud sobre a tuberculose no exercito francez.

Dados estatisticos, de absoluta segurança, demonstram que o algarismo das reformas e obitos pela tuberculose no exercito francez, durante tres annos 1888, 1889-1900, attingiu a 11.051 homens, perfazendo uma média de 3.085 tuberculosos por anno.

Esses resultados funestos são attribuidos a dois factores dominantes da etiologia d a tuberculose: 1º, a revisão, que é um máu filtro, deixando passar homens absolutamente incapazes de

pegar em armas; 2º, o quartel pelo má estado dos alojamentos, pela má hygiene dos soldados, pela falta de obediencia aos preceitos mais importante para evitar ou attennar os germens a propagação da terrivel molestia.

Os quartéis velhos, sem architectura especial, são verdadeiros viveiros donde saem, annualmente, cinco mil doentes que vão propagar o mal.

Nós não conhecemos a estatistica da tuberculose nos quartéis do exercito nacional; podemos, entretanto, fazer uma idéa do que seja o estado sanitario do exercito pelo effeitos desastrosos de recentes expedições, como essas do Amazonas, em que batalhões inteiros fôram aniquilados, pela razão evidente de não ter havido sollicitude intelligente, não terem concorrido elementos de prophylaxia na organização do material de saúde daquellas expedições.

E' notorio que não ha o menor escrupulo no recrutamento dos nossos soldados; não sómente quanto á capacidade moral, como quanto á physica. As fileiras do exercito estão cheias de homens collidos nos residuos da sociedade, homens contaminados de vicios moraes e physicos, notadamente alcoolicos, syphiliticos e tuberculosos, que da dispersão em que viviam são concentrados numa communhão systematica, para se tornarem fecundos elementos de propagação dos males de que são portadores.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*De Concordia ao Mocoretá — O primeiro encontro das forças alliadas, sob o commando do general Mitre.*

No Ayuychico, o meu regimento abarracou na encosta de uma cochilha, donde viamos matisando de leve o campo amarellado pela crestadura das geadas, as manchas esbranquiçadas dos arraiaes da Alliança, cujos fogões cavados no chão ou ao rez delle, mal providos de lenha, demasiado escassa, além de humida, desprendiam tenue fumo, quasi tão branco como as alvas tendas salpicadas de gelo, irisando-se de leve aos beijos frios do triste sol do inverno.

Os nossos canhões de bronze, limpos como ouro, não tinham o brilho vivo dos fulgores radiantes, porque os envolvia uma camada de orvalho. Estavam todos alinhados, olhando mudos para o campo amigo, e a recta formada pelas suas tapas pintadas de vermelho parecia traçada a cordel. O velho Mallet não brincava, quando, elle proprio, collocado á direita da linha, rectificava as suas pequenas curvaturas. A' rectaguarda das peças via-se a fileira dos armões e depois os carros man-

chegos e as galeras. As nossas baracas estavam também alinhadas correspondendo ás baterias. Os officiaes tinham as suas mais para traz; e a do commandante, a maior de todas, correspondia ao centro do regimento, com uma carretilha ao lado, onde conduzia o grande velho a sua bagagem, que não era muita. Todo o rio-grandense que se estima, não dispensa esse vehiculo nas suas travessias pela campanha do formoso Estado, que, naquella epocha remota, não possuia a facilidade de communicações que hoje tem.

Foi no Ayuychico que os soldados das tres nações alliadas se reuniram pela primeira vez, sob o commando do seu illustre general em chefe d. Bartholomeu Mitre, presidente da Republica Argentina, que nessa guerra sanguinolenta conquistou, por actos de previsão patriotica, a gratidão dos seus concidadãos, que justamente o idolatram. Era moço ainda, apenas com 44 annos de idade, de elevada estatura e porte elegante, usava barba cerrada, longa cabelleira cacheada, e na larga fronte via-se a depressão da cicatriz de um ferimento recebido nas luctas que sustentou em defeza das liberdades patrias. O destaque que nellas adquiriu elevou-o á culminancia politica, e o artigo 3º do tratado de 1º de maio de 1865, da Triplice Alliança, conferiu-lhe o commando em chefe do exercito alliado.

A nossa demora foi de duas semanas, mais ou menos, que passámos açotados pelos ventos frios dos pampas zunindo nas guias das barracas, que mal se podiam defender contra as rajadas violentas. Não raro, a agua amanhacia gelada nos baldes e o faxineiro ia ao arroio buscal-a liquida para as nossas abluções matinaes. De vez em quando, ouviamos algum soldado do regimento, que era composto de *guasacas*, exclamar em tom de motejo aos poucos camaradas do norte, quando as lufadas passavam gemendo:—Mandae, Mãe de Deus, mais uns dias de *Minuano* para acabar com tudo que é bahiano». Bahiano, para aquella gente simples e bôa, era o brasileiro que não nascera na sua provincia.

Para elles, o Brazil dividia-se em duas partes:—uma, muito grande e de bons ginetes, a que davam o nome de Provincia; a outra... a Bahia, pequena, e de gente que não sabia montar a cavallo.

Apezar dos rigores da estação, os nossos batalhões não tinham descauço, principalmente os que estavam sob o commando do general Sampaio, que era rigoroso e exigente e dava-lhes exercicio uma e duas vezes por dia.

Era preciso instruir aquelles soldados bisonhos, mas de bôa vontade, e animados pelo grande amor da patria, que os fez praticar façanhas immortaes. Os argentinos e orientaes, que

acampavam perto de nós, exercitavam-se também e dava gosto vel-os manobrar, marchando alinhados nas conversões e executando com garbo e firmeza o manejo da arma. Nasceu o estimulo entre todos; e os nossos *pai-zanos* em pouco tempo fizeram progressos admiraveis.

Entre nós e a cidade de Concordia, corria o arroio Juquery, que não dava váu naquella estação do anno, em que a cheia do Uruguay lhe represava as aguas. O illustre chefe da commissão de engenheiros, tenente-coronel Carvalho dirigia a construcção de uma ponte de bateis, onde deviamos atravessal-o, que o batalhão de engenheiros construía. Nos meados de julho, ficou prompta, e no dia 15 o pequeno exercito sob o commando do general Mitre fez a sua primeira marcha. O meu regimento havia recebido nas vespers cavalhada e mulada gordas que, valha a verdade, não primavam pela mansidão, qualidade que não era, entretanto, indispensavel para os seus artilheiros e conductores, que podiam ensinar qualquer *bagual* e entrar em fórma com elle. Entre os nossos officiaes rio-grandenses, havia excellentes cavalleiros; massobresaía, entre todos, o 2º tenente Justino da Silveira, que não sabia andar a pé. Alto, barbado e elegante, quando na disparada saía *lindo* arrastando as chilenas, depois de nma *rodada* proposital; dava pena vel-o como um papagaio caminhando no chão, com as pernas arqueadas, cambeteando e as pontas dos pés voltadas para dentro. Esse bom e brando centauro, que não dava uma pranchada para não estragar a espada nova, que tinha comprado havia vinte annos, foi transferido mais tarde para a infantaria, por não ter o curso da arma. Não podia ser mais cruel a recompensa que lhe infligira o governo, abrindo uma porta ás suas modestas aspirações de promoção. Os officiaes de artilharia sem curso, naquelle primeiro periodo da campanha, não passavam de *pharmaceuticos*; eram condemnados á pena eterna de uma *lagartixa* apenas.

Ao clarear do dia brumoso e humido pela *garôa* fria, que nos molhava insensivelmente, entrámos em fórma desarmados. Formámos grande circulo para encerrar os animaes; os laçadores fôram para o meio e cada um de nós, armado de *boçal* de *guasaca* bem *sovada* com argollas de latão muito limpas, esperava a vez de pegar a sua cavalgadura. O sargento Candido de Medeiros era um forte typo de mestiço e ninguem o excedia como laçador. Não perdia um tiro de laço, apezar de haver cavallos amestrados em negacear. Já quasi todos, conductores e artilheiros, estavam servidos, e eu, pela timidez natural ao recruta, esperava a minha vez e ia ficando para o fim. O com-

mandante da minha bateria era o capitão Antonio Carlos de Magalhães, official illustre, querido e respeitado pelas grandes virtudes que o distinguiam. Era mineiro; e si estava debaixo do arnéz é porque tinha vocação decidida para a carreira militar. O filho de Minas Geraes sempre foi refractario ás armas e isto data de longe. Já em 1823, na Assembléa Constituinte, o paulista Nicoláu Vergueiro affirmava essa verdade. São raros os mineiros soldados, mas esses poucos são bons e pódem servir de exemplo aos melhores. Carlos Magalhães e Gomes Carneiro fôram emulos dos mais esforçados.

O capitão perguntou, com a vóz pausada e grave que lhe era peculiar:

— Quem falta pegar cavallo?

O sargento Medeiros, relanceando o vivo olhar pelo circulo, responde:— O sr. cadete Dionysio.

— Lace um para elle — ordenou.

O sargento, gaúcho ás direitas, agil e desempenado, arrou o laço, reboleou-o para cima da cabeça e lançou-o sobre um *oveiro* grande e delgado, que passava aos saltos, espantado e de cabeça erguida. Preso pelo pescoço, virou rapido para o laçador e estacou com a cabeça estendida, offegante, as narinas dilatadas, o olhar em chammas, as mãos especadas para adeante e as orelhas afitadas. Eu era ainda um *maturrango*, e confesso, sem acanhamento, que senti um calefrio percorrer-me a espinha, em frente áquella féra, que o sargento, talvez por maldade, me destinára. Tinha lido Quinto Curcio, na aula de latim do frei Lourenço de Santa Cecilia, na Bahia, e lembrava-me da proeza do joven Alexandre com o cavallo de Philonicus da Thessalia; mas nem eu era o filho do grande Philippe da Macedonia, nem o *oveiro* endiabrado se parecia com Bucephalo. Adeantei-me cauteloso pelo laço teso e vibrante com o esforço do reiúno para livrar-se e do sargento para contel-o, e fui pouco a pouco me chegando. Já perto, ergui o cabresto para enfiar-o. O bruto deu um bufo, levantou-se sobre as patas de traz e com as deanteiras movendo-se no ar parecia querer bater-me. Quando me approximei de novo, murchou as orelhas e quasi me deu uma dentada. Pela terceira vez, quasi arrastou, com um forte *prisco* para o lado, o laçador, que se firmou na perna direita, como si tivesse caído em guarda para esgrima de bayoneta, e sujeitou-o. Felizmente, o bom capitão mandou em meu auxilio um conductor com cara de indio, que se approximou docemente, fallou ao animal com cariuho, passando-lhe a mão pela taboa do pescoço e emboçalou-o com grande surpresa minha.

Desfez-se o circulo e cada qual tratou de preparar-se para a marcha. O

meu *ovcero* não *cabresteava* bem, mas assim mesmo levei-o auxiliado por um camarada que o ia espantando de vez em quando, até á porta da minha barraca, onde o Quintiliano, o faxineiro, ensilhou-o sem grande difficuldade, apesar d'elle tremer como vara verde. Parecia que conhecia com quem tratava; deixou-se manear sem protesto, recebeu o freio sem *mesquindade*, levou sobre o lombo o *baixeiro* de lã, a *carona* de couro crú, a *xerga*, a *carona* de sóla, o *lombilho* bem *quebrado*, mas sem o *rabicho*, que pendia ao lado, a *cincha* tão apertada que quasi o torou pelo meio, os *pellegos* de carneiro negro, a *badana* de vaquêta e a *sobrecincha* estreita do uniforme. Admirou-me aquella metamorphose, mas não confiava muito nem pouco nella e como não tinha, como o Floriano, necessidade de mostrar que confiava, desconfiava sempre e sem fingir.

O Quintiliano montou-o, a meu pedido, saíu a passo, deu uma grande volta e apeiou-se, dizendo, talvez muito convencido:

— E' manso, seu cadete.

Não obstante a garantia do soldado, e a experiencia do pequeno passeio, continuei desconfiado, lembrando-me da quêda que o capitão Brillhante, cavalleiro emerito, deu do cavallo do andar de uma tia velha, que lh'o emprestava, recommendando a sua mansidão.

Quando soou o toque alegre de montar a cavallo, não senti prazer algum. Cavalguei o meu, cujo freio segurava o faxineiro e entrei receioso, com muito cuidado e alisando as crinas, em fôrma ao lado da guarnição da minha peça.

Partimos a passo e o *manso* portava-se bem e já me ia inspirando certa confiança. Desciamos a cochilha e approximavamo-nos da ponte do Jquiry, quando o velho Mallet mandou ao trote. Distraído, cheguei as esporas ao bruto. Que horror! Deu um salto para frente e de lombo encolhido, como si fôsse um arco, saíu aos corcôvos com a cabeça mettida entre as mãos, ladeira abaixo.

Não sei como não morri, nem o que se passou. Lembro-me de gargalhadas que soavam aos meus ouvidos e de vózes que gritavam:

— Agente-se, cadete.

Agentei-me como pude, andando pelas *caronas* e agarrando-me com vontade nas crinas e no *santo antonio*.

Foi um *dies iræ* e só pensava em chegar ao acampamento para libertar-me daquella *mansidão*. Fui assim me habituando e no fim de algum tempo montava em qualquer cavallo *alarife* ou *caborteiro*, *manheiro* ou *redomão*.

Acampámos adeante da cidade de Concordia. Alguns dias depois, o general Flôres, commandando um exercito composto de orientaes, seus compatri-

otas, de brasileiros e argentinos, marchou para ir ao encontro de uma columna paraguaya, que avançava pela margem direita do Uruguay. Fazia parte das forças do illustre caudilho uruguayo o 3º de Voluntarios da Bahia, que foi depois o 25º, no qual serviram depois distinctos officiaes; entre elles — o Tiburcio, o Floriano Peixoto e o Alexandre Barroso, que era estudante da Faculdade do Recife e fez toda a campanha como capitão. Commandava-o o tenente-coronel Manoel da Rocha Galvão, veterano da Independencia e velho amigo dos meus avós. Morreu na batalha de 24 de maio de um foquete a congreve. Um dos capitães era o meu primo Luiz Gonçalves Pedreira França, o Lulú, typo de bondade e brandura. Ninguém o julgaria capaz de derramar o sangue do proximo; era bahiano, porém, e sentiu o sangue ebulir-lhe nas veias, quando a patria o pediu para a sua desaffronta.

As forças brasileiras ás ordens de Flôres formaram brigada commandada pelo coronel Kuly, que o mallogrado Visconde cantou nuns versos que começavam assim:

« O Kuly... que manobrista!  
O Zé Auto... que portento!  
Si pilho um delles na pista,  
Com certeza lavro um tento.

Foi num acampamento perto de Concordia, que fomos honrado com a visita do afamado general d. Justo José de Urquiza, senhor feudal de Entre-Rios e libertador dos povos argentinos contra a tyrannia de d. Juan Manuel de Rosas. Correu no acampamento que esse nosso antigo alliado era, naquelle momento, menos nosso amigo, do que do dictador paraguay, e por isso mandára que se sublevassem as milicias entre-rianas, que se reuniram em Bassualdo, para formarem um corpo de exercito sob o seu commando. O boato, apesar de injusto, cresceu e tomou corpo. Os exercitos formaram em revista para honrar o illustre hospede. No dia seguinte, se não me é infiel a memoria, em vesperras de marcharmos, disparou toda a nossa cavallada do regimento e os soldados attribuiram-na á influencia malfica do general.

O velho Mallet estava por esse contratempo impossibilitado de marchar e ordenou aos tenentes José Maria de Moraes e Justino da Silveira, que fôsem *campear* os nossos animaes e não voltassem sem elles.

A' tardinha, entrou no acampamento uma ponta de cavallos e mulas chucaros já reíunos. No dia seguinte, o regimento entrou em fôrma e fez a marcha, apesar dos corcôvos terriveis dos animaes novos. Eu ensilhei um *baio encerado* muito bonito, que tomou o freio entre dentes e disparou commigo

campo a fóra. Não havia meio de contel-o. Passei como uma flecha pela frente do batalhão de engenheiros e gritei ao capitão Ataliba Manoel Fernandes, instructor de equitação na Escola Militar, e pedi-lhe que atacasse o cavallo desenfreado. Não se moveu. Ia procurando ver si conseguia que o animal descrevesse uma curva, quando meu amigo o cadete Lula Campos, bom cavalleiro e bem montado, se emparelhou commigo, e debruçando-se sobre o pescoço do seu reiúno, pôde segurar o freio do meu e paral-o. Perto, estava uma sanga, onde deveriamos rolar, si elle não me acudisse tão depressa.

Estivemos muito tempo no acampamento do Gaule-guaezeit e delle passámos para o Mandisovi.

As nossas marchas ao principio tinham o sainete da novidade, distraíam-nos bastante. Depois, tornaram-se monotonas, pela perspectiva daquelles campos infundos, onde muitas vezes, nem o perfil de uma arvore se desenhava no circulo immenso que o olhar podia abranger.

De vez em quando, tínhamos pela frente um banhado extenso, que passavamos difficilmente, ás vezes quar-teando as viaturas. Não era raro atolarem-se carretas do nosso pezado transporte. Uma vez, o general Ozorio, que gostava de fazer troça aos nossos jovens engenheiros militares mandou que um tirasse a carreta do atoleiro. O rapaz não era pratico naquella especialidade e pouco conseguiu. Chamou então, o capitão Machado, o carreteiro-mór, gaúcho completo, e ordenou-lhe que safasse a carreta, dizendo que para aquillo se entendia melhor com aquelles seus *engenheiros* do que com os *doutores* que nada sabiam desses serviços de campanha. Mais tarde, mudou o grande Ozorio de opinião vencido pela evidencia dos relevantes serviços prestados pelos distinctos officiaes. Creio que foi no Mandisovi que soubemos da victoria do Jatay e da rendição de Uruguayana. Honve quem ouvisse os tiros de canhão; eu, porém, não os percebi.

Uma vez, nesse acampamento recebemos a visita do general Ozorio, e o clarim de serviço, o João Augusto, não deu o signal. Estava nesse dia entre a *quarta e a meia partida com dois dedos de grammatica* e distraíu-se. O capitão mandou-o vir á sua presença e elle appareceu descrevendo zig-zags.

— Não tomas camínho, não tens vergonha do teu estado? — disse o official. Um dia, metto-te numa pipa de cachaça e fecho-te... Verás...

O clarim virou os olhos num antegoso de divinaes delicias e exclamou em tom de ineffavel esperanza:

— Ah! seu capitão... Que prazer!... morria bebedo e ficava de conserva!...

Graças á replica, foi apenas tranca-

fiado na guarda da frente até cosinhar a mona.

Mal chegavamos ao acampamento, depois de uma marcha ás vezes bastante penosa, através de campos encharcados e banhados intermináveis, ouvia-se o *Para quem quizer* da divisão do general Sampaio.

Logo depois. o segundo toque de formatura e avançar. Saíam os bellos batalhões, ora em exercicios de pelotão, ora manobrando inteiros, garbosos e correctos. A's vezes, estendiam-se em linhas de atiradores executando os movimentos a toque de corneta. Os corpos de Voluntarios da Patria já rivalisavam com os velhos de linha, onde os soldados grisalhos ostentavam sobre os peitos robustos a medalha de Caseros.

Entre outros, no fim de pouco tempo, sobresaía o 4º de Voluntarios, commandado pelo tenente-coronel Pinheiro Guimarães, doutor em medicina, cujas altas qualidades militares o elevaram rapidamente ao nivel dos melhores commandantes do exercito.

Do Mandisovi seguimos para o Mocoretá, que é o rio affluente do Uruguay, que serve de linha divisoria entre as provincias argentinas de Entre Rios e Corrientes. Para os lados do Paraná, o rio lindeiro é o Guaiquiraró.

Mais de uma vez, nas noites limpidas de luar, em que o horisonte dilatado do campo confundia-se com o céu sem nuvens na mesma curva longinqua, dormi ao relento deitado nos meus arreios e abrigado confortavelmente pelo ponche sobre o qual estendia a minha barraquinha dobrada. Tirava os cothurnos de cano curto, porque preferia dormir descalço, sentindo assim menos frio nos pés. Era raro dormirem os animaes á sóga, porque não só o pasto nos acampamentos facilmente se destróe com o caminhar de gente, como naquella estação fica crestado pelas geadas.

Preferiam mandal-os para o pastoreio, apesar das frequentes disparadas. Quando era dia de marcha, pela madrugada alta, nos levantavamos para pegar cavallos, e ás vezes o frio era tão intenso que nos entorpecia as mãos e recorriamos aos dentes para auxiliar-as em apertar a cincha, puchando com ellas o latego sovado e cheio de graxa. Iamos-nos endurecendo rapidamente e adaptando-nos com prazer ás asperezas daquella vida pittoresca e cheia de attrações, que tantas saudades ainda me desperta.

Uma noite em que dormia debaixo do meu armão, despertei ao tropel de uma cavallada que se approximava em disparada e aos gritos dos soldados, que descreviam com os tições dos pequenos fogos, rapidos circulos luminosos. Alguns saltaram em pello nos cavallos presos aos longos maneadores e em gritos reuniram-se aos

outros, que vinham na frente e nos flancos da columna desencabrestada e tumultosa, procurando desvial-a do rumo que trazia. Passaram rapidos pela frente do regimento e perderam-se na escuridão da noite aquelles cavalleiros que pareciam phantasticos; e o alarido foi morrendo pouco a pouco até confundir-se com o silencio do acampamento que voltou ao somno reparador, por elles perturbado.

Já havia voltado a primavera e os *quero-queros*, aos casaes, davam gritos mais vibrantes nas margens dos banhados, onde as flôres se abriam aos affagos do sol mais quente que fazia a vida palpitar mais viva e mais intensa.

Chegámos á margem direita do Mocoretá em principios de outubro.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O BEIJO

Não ha quem dizer-me possa  
Qual o sabor dos teus beijos;  
Se houvesse, a inveja matára  
Meus freneticos desejos.

E se um beijo de Marilia  
Já me fez esmorecer  
Como provarei teu beijo,  
Sem que me sinta morrer?

Mas se teu beijo é gostoso,  
Como certifica amor,  
Expire a vida no beijo.  
Deixando n'alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo;  
Pedido, que gôsto tem?  
Do amor o que não é dado,  
E' frio; não sabe bem.

O coração leve aos olhos  
A expressão do desejo;  
Os labios aos labios levem  
Toda a delicia do beijo.

E' n'essa muda linguagem  
De intelligencia amorosa,  
Que de amor vive escondida  
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,  
Fôra enganar mesmo a mim;  
Se eu te pedir beijo occulto,  
Nunca me digas que sim.

O beijo, dado escondido,  
Desacredita a que o dá;  
E, se é doce ao que recebe,  
E' uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,  
Como pôde ser de amor  
Amar e viver em guerra  
Entre delirios e dôr?

O que puder, em teus labios,  
O beijo saborear  
Contra amor e a sorte pecca,  
Se a mais quizer aspirar.

O beijo, dado escondido,  
Toma do crime a feição;  
Póde faltar o desejo,  
Mas não farta o coração.

Beijo que deixa remorso,  
E' veneno em taça d'oiro;  
E' na pureza de amor  
Deixar cahir um desdoiro.

Amor é franco; e só affecta  
Gostar do mysterioso,  
São diaphanos mysterios,  
Velaudo o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus  
Nem seu modo encantador,  
O que ao puro amor contenta;  
E' a delicia de amor.

Consulta teu coração;  
Se elle pôde amar assim,  
Sou todo teu... Se não pôde,  
Não queiras nada de mim.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

\* \*

### DESFILAR DUM EXERCITO

Ao signal d'um clarim começou a mover-se todo o exercito naquella fórma, que se havia ordenado por seus cabos. Assim extendido por toda a campanha representava aos olhos tão famosa vista, quanto lamentavel ao discurso. Tremulavam as plumas e as bandeiras vistosamente; reluziam em reflexo os peitos nos esquadões; ouviam-se mover as tropas nos cavallos com destemperado rumor de couraças; os carros e bagagens de artilheria, ordenados em fileiras á similitude de ruas, figuravam uma caminhante cidade populosa. Caixas, pifanos, trombetas e clarins despediam todo o temor dos bisinhos, dando a cada um novos brios e alentos: a ordem e o repouso do movimento do exercito segurava o bom successo da empreza.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO.  
(1611-1666)

\* \*

### FOLHA CAHIDA

—Que fazes tu por aqui,  
Triste folha despregada?  
«O vento numa rajada  
Arrancou de uma chapada  
O carvalho onde nasci;  
Desde então, seguindo o vento  
Na carreira desigual,  
Percorro a cada momento  
Bosque, varzea, monte, valle:  
E ando neste movimento  
Sem receio e sem desdoiro:  
Vou na onda caudalosa  
Que leva a folha de rosa...  
E levava a folha de loiro!

JOÃO DE DEUS.

\* \*

### OS ADULADORES E OS VERDADEIROS AMIGOS

Alimento é da culpa a lisonja, como o oleo é o nutrimento da chamma. Armam os lisonjeiros ciladas a nossas orelhas, e com doçura de palavras apaziveis impetram o que querem, e fazem que creiamos mais a elles que a nós mesmos, corrompendo nosso juizo com o veneno brando de sua lisonja.

Ai dos que têm, por amigos seus, meigos inimigos, e dão orelhas a falsos louvores que, conhecidos por taes e rejeitados muitas vezes, finalmente tomam posse dos corações! Laços nos arma o máu homem que nos louva. E o peor é que, por muito máu e perdido que um seja, mais quer ser lisonjeado com mentira, que reprehendido com verdade. Mais quer ser enganado com gabos nocivos, que avisado com desenganos saudáveis. Melhor estava nesta conta S. João Chrysostomo, quando, notado uma vez que fazia grandes exórdios em seus sermões, afirmou que amava seus amigos, não sómente quando o louvavam, mas também quando o tachavam. Louvar tudo não é de amigo verdadeiro, mas de lisonjeiro falso. O beijo do amigo é suspeito, e a ferida do inimigo, medicamento. Todo o doce é oppilativo, segundo a regra dos médicos; retem-no o estomago, porque se deleita com elle, e não o distribue pelos outros membros; e, como tem de seu natural entupir, segue-se delle a oppilação. Pelo contrario, rejeita logo o amargo antes de ser cozido, que não causa oppilação por lhe ser natural abrir; e assim communmente todas as mézinhas, com que se expellem as superfluidades do nosso corpo, são amargosas. E' a lisonja manjar doce, e detem-se com gosto, e d'aquí vem que corrompe o juizo, e impede a correição. E' a reprehensão utilissima, inda que se rejeite, porque amarga. Ouçamos David: Bem soffrerei eu, e de boa vontade, que o varão justo me reprehenda, castigue, e fira com misericórdia e humanidade, porém o oleo do peccador e sua lisonja não pingará minha cabeça; a sua suavidade e brandura, o seu favor e apparente benevolencia, os seus simulados louvores não me mollificarão, nem terão negocio commigo; melhor me é a mim ser encontrado, castigado e apontado da mão dos bons, que unguido e untado com unguento precioso das mãos dos máus. Porque os açontes daquelles saram as enfermidades do animo, e os unguentos e palavras meigas destes são nocivos; quebram as cabeças, transtornam os sentidos; voltam o juizo, e lançam em perdição as almas; prendem e enganam os corações dos innocentes; são fomento e pasto dos peccados. Algo mais de varão é dar orelhas aos maldizentes que aos adultores, que aos adultores, porque nos dictos d'aquelles ás vezes se acha alguma secreta medicina; e nos d'estes sempre está manifesta a peçonha. Os primeiros muitas vezes saram, mordendo, e os segundos mordem, afagando. Passemos, pois, pelos cantos das sereias como surdos com as orelhas tapadas, e não nos encliamos de vento que nos faça rebentar em nosso damno; e entendamos que não é facil conhecer quaes são os adultores, e quaes os amigos de véras. Todavia se conhecem uns aos outros na adversidade. E' também proprio do adulator accommodar-se aos costumes do adulado, e fazer o que elle faz, e mudar-se quando elle se muda; pelo que é comparado á sombra, a qual sempre segue o corpo e o vae contrafazendo. O amigo não se accommoda mais que ao bem, e assim é comparado á luz, que alumia sem se macular a si mesma. O adulator em todas as obras que são e parecem boas, nos dá o primeiro logar, e em os vicios nos escusa. Finalmente nunca procura outra coisa senão contentar o lisonjeado, assim em o mal, como em o bem. O que não faz o amigo, que nunca nos quer comprazer, senão no que é honesto; e, se vê em nós algum vicio, não deixa de nol-o estranhar. Quanto daria cada qual de nós por um tal espelho, que se visse nelle por detrás e por deante, e não só seu corpo, mas também sua bôa ou má condição? Este tal espelho tem, de graça, o que quer ser reprehendido de seus vicios, tomando o conselho dos que sem paixão vêem suas más inclinações e condições, que elle com sua cega affeição não pôde vêr. Para sua emenda deve ter

cada qual de nós ou um grande amigo, ou um grande inimigo. Este nos descobre as fallhas, e aquelle não as approva.

AMADOR ARRAES.  
(1530-1600)

## ARMADA NACIONAL

*O Brazil não era uma potencia naval. Mantinha a tal supremacia no Continente? — Pilotos em vez de officiaes.*

O Brazil não era, pois, uma respeitavel potencia naval. Não podia, mesmo, almejar tal classificação uma nação que concedia á sua esquadra apenas 8% dos seus orçamentos, onze mil contos apenas. Como uma nação, que dispense tão pequena quantia com a sua marinha de guerra, pretende ser collocada, como potencia naval, ao lado, já não dizemos da Inglaterra, da França, do Russia ou da Allemanha, mas da Austria, da Italia e da Hespanha?

Mantinha, ao menos, o Brazil a decantada supremacia naval na America do Sul? Mantinha uma supremacia que, para ser destruida, bastaria que a Argentina ou o Chile adquirissem uma bôa unidade. Isso é supremacia? Dir-se-á que, ao adquirir qualquer destas nações uma unidade de combate, o Brazil adquiriria, também, uma correspondente. Mas, isso é programma de organização naval? Cuidava effectivamente da marinha de guerra, uma nação que assim procedia? Attendia ás necessidades do paiz? Não era, antes, demonstrar rivalidade que supremacia?

Demais, quem poderá asseverar que o governo monarchico, em face do incremento que teve a esquadra argentina, posteriormente, tivesse agido de modo a assegurar uma preponderancia naval, no continente, que já vinha desaparecendo em 89? Não vimos nós, em todos os outros ramos de administração publica, a inactividade do pacifico governo imperial ante o impulso que tinha, para o progresso, a Republica Argentina, desde 1880? Não vimos seu commercio desenvolver-se com rapidez; sua capital sendo dotada de um porto, embellezando-se; a industria, com a protecção official, nascer e aperfeiçoar-se; o augmento extraordinario da corrente immigratoria; a construcção de La Plata; a organização, effectiva, da guarda nacional; a fortificação das margens do Paraná; a colonisação das regiões inhospitas da Patagonia? Não vimos tudo isso realisar-se ante a indifferença dos nossos grandes estadistas do Imperio, que entregavam ao acaso ou á Providencia o povoamento das fertilissimas zonas do Pará, Goyaz, Matto Grosso, Amazonas; que abandona-

vam, por completo, uesmo depois da campanha do Paraguay as nossas fronteiras; que descuravam o exercito, onde a indisciplina já lavrava e que, desde a celebre questão militar, era antes um rival que um sustentaculo do throno; que deixava se dismantelarem as fortificações ao longo das nossas costas, se inutilisarem, fecharem-se os nossos portos; que não organisavam um serviço immigratorio effcaz, que nada faziam em prol da industria e da agricultura, que só depois de 66 annos de governos máus, na phrase de Pedro II, fizeram a abolição da escravatura do modo criminoso e desastroso por que a fizeram, e que, emfim, dirigiam a nação, duma cidade immunda, velha, colonial, empestada e retrograda?

Qual foi o grande lucro que teve o paiz do cambio a 27 e da vida facil e falsamente feliz que desfructava o povo? O cambio a 27 era um attestado do nosso credito, é facto. Mas, que se aproveitou desse credito? Dizer-se que se tinha? O povo não era sobrecarregado de impostos, é facto. Mas, que melhoramentos, que attestados de progressos fornecia o Brazil que lhe garantisse um logar, de accordo com a sua riqueza e o seu futuro, entre as nas nações civilisadas? Demais, quaes os povos mais sobrecarregados de impostos? Não são, porventura, desse numero o inglez, o allemão, o francez, o italiano, emfim os povos das grandes nações?

Que se creou nesse periodo de grande prosperidade para as finanças do paiz? O talento de estadista não se manifesta pela conservação das instituições que encontra. Manifesta-se pela previsão e pela criação. Transformar o que existe de accordo com os progressos realisados; crear o que não existe; faz-se necessario transformar e crear conforme as necessidades que a previsão patentêa; descortinar o futuro dentro do presente, preparar, em summa, a grandeza no porvir — isso, sim, é ter talento de estadista.

E como crear, como melhorar, como dotar a nação com melhoramentos, com progresso, sem provocar novas fontes de renda para custeio das novas despesas? No entanto, durante o governo imperial qualquer accrescimento da despeza publica assombrava os administradores.

Porque, pois, escaparia a marinha aquella rotina, aquelle conservantismo que se manifestava em todos os ramos da administração?

Não; continuasse embôra o Brazil sob o regimen monarchico, estariamos como hoje estamos, uma potencia naval sem importancia.

Tivessemos embôra o cambio a 27; os orçamentos com os pequenos deficits, que sempre tiveram no Imperio, fôsse o povo feliz e livre de impostos

—tambem o é o povo da Nova Guiné ou o da Groelandia e eram os nossos selvageus antes de 1500—e não teriamos, por certo, creado marinha de guerra.

Mas, arrastados por essas considerações, quiçá pretenciosas, nos afastámos do nosso estudo; voltemos a elle.

Prováramos que em 1889, pelo seu material fluctuante, não era o Brazil, potencia naval respeitavel. Os mesmos insultos irrogados pela Inglaterra na questão Christie, ser-nos-iam de novo atirados por muitas outras nações, então sem resistencia de nossa parte, que nos haveriamos da contentar com satisfações posthumas.

De facto, se o nosso material fluctuante era impotente para salvaguardar as nossas costas de qualquer aggressão, ellas, por si, não tinham elementos de defeza.

Nossos portos estavam entregues ao abandono. As fortificações eram as mesmas que deixára o velho Portugal. Teria havido talvez, durante os 67 annos de imperio, mudanças de algumas peças em poucas dentre ellas.

Da mesma fôrma, as nossas fronteiras internas; se Lopez tivesse resuscitado, encontraria em 1889 a mesma facilidade que encontrou em 1864, em tomar o sul de Matto-Grosso, em invadir o Rio-Grande.

E' verdade que o Paraguay fôra aniquilado; existiam, porém, outros paizes que teriam podido substituil-o. No norte e no sul, o mesmo desleixo.

As flotillas eram o que haviam sido e o que ainda hoje são: cemiterio de officiaes. Maiores vencimentos, vida mais folgada, proporcionavam. Muitos officiaes as queriam: os navios envelheciam paralyzados.

Emfim, dir-se-ia que 89 não era senão um reflexo de 64.

Pelos nossos arsenaes passava-se o mesmo. O do Pará e o de Pernambuco nada produziam. O da Bahia, patachos, traripes e escaleres. Do do Rio saíam o *Sete de setembro* e diversos navios de madeira: o primeiro, um aleijão, já o dissenos; os outros, bons navios quanto ao casco; para as construcções de madeira, havia ainda operarios; já o *Tamandaré* estava nos estaleiros havia 5 annos quando se fez a Republica.

Que se podia esperar que fôsse mais tarde a nossa esquadra, se os ineptos honestos que até então administraram a marinha, iam ceder o logar aos ineptos corruptos?

Podia, entretanto, acontecer que, deficiente e antigo o nosso material, o preparo dos nossos officiaes collocasse a marinha de guerra do Brazil entre as das primeiras potencias. Seria assim? Veremos que não.

O periodo comprehendido entre 1865 e 1870, durante o qual tivemos de

sustentar a campanha do Paraguay, foi o termo dessa idade média que a introducção do vapor na marinha de guerra iniciára, e aurora da admiravel renascença que, para a arte da guerra naval, foi o ultimo quartel do seculo XIX.

Tudo existia então, porém confuso, mal applicado, mal aproveitado: embryão apenas. No decennio de 1860 a 1870, começou, lenta, a systematisação dos progressos, tirando-se-lhes todas as vantagens que offereciam. Depois daquelle ultimo anno, os progressos tornaram-se vertiginosos, fizeram-se com rapidez assombrosa.

O vapor que hontem actuava com uma força de 300 cavallos movendo rodas, hoje, com 6.000, dava impulso ás helices e amanhã com 30.000, 40.000, movimentaria helices ou turbinas indifferentemente, imprimindo velocidades quadruplas das primitivas; a couraça de ferro forjado protegendo um anão de 1.000 toneladas, já agóra defendia o flanco dum monstro — pygmeu ainda de 7.000 e seria logo *compound*, depois aço chromado abrigan-do o bojo dum colosso de 16.000; onde estivera hontem a madeira, tomava logar o ferro, que seria, por seu turno, expulso pelo aço; a mina subia do fundo do mar; vinha para a superficie — torpedo rebocado — e amanhã cederia o passo ao automovel, o que hontem era missão do braço, fazia hoje o vapor, que teria logo por emulo a electricidade; o cauhão liso desaparecia, cedendo logar ao raiado, de carregamento rapido; surgiam para accrescer-lhe o valor os extraordinarios explosivos modernos, as polvoras chemicas; não mais se aguardava que o sol attingisse o meridiano para ter-se exacta a posição no mar; estudava-se o fundo do oceano, nascia o submarino e o espaço desaparecia, com a telegraphia hertziana.

A profissão de official da marinha de guerra transformava-se. Ao fim do seculo, seria talvez a mais complexa de quantas profissões existiam; para bem exercel-a, tornar-se-ia mistér ser de piloto a diplomata, de director duma campanha a director duma officina.

Que ferrea energia, que intenso estímulo não eram necessarios, para acompanhar aquella evolução que se vinha operando?! Tel-os-iam os officiaes aos quaes a bravura comprovada na guerra permittiu rapido accesso aos postos superiores? Iriam aprender, já capitães tenentes, capitães de fragata, o que a campanha do Paraguay lhes não pudera ensinar, nem lhes deixára tempo de estudar? Era difficil acreditar-o. Se, comtudo, os administradores navaes de então o quizessem, esses officiaes ter-se-iam transformado de officiaes da marinha mixta em officiaes da marinha de hoje. Elles o quizeram? Não.

Era necessario grande conhecimento da arte naval e dos seus progressos, por parte dos administradores e elles não o possuíam. Era, sobretudo, imprescindivel larga vista, resolução; indispensavel, descobrir no bom de hoje o melhor de amanhã, para ter força de abandonar a rotina e entrar desassombradamente na nova senda. E os ministros de então nenhuma dessas qualidades tiveram ou puderam ter.

Julgaram que a profissão de official de marinha de guerra não se transformára; acreditavam que ao marinheiro bastava, como dantes, conhecer a manobra, a navegação e a artubaria simples do começo do seculo. Dahi pensarem que, do compromisso que haviam tomado exigindo aos que saíam da Escola Naval de 64 a 70, os serviços de guerra, negando-lhes tempo para a pratica, para aperfeiçoamento, se desobrigariam fornecendo-lhes essas longas e penosas viagens a vela com cruzeiros de 40 a 50 dias com sacrificio de muita vida e da saúde em geral, viagens donde poder-se-ia regressar um bom piloto, mas nunca um bom official de marinha de guerra. Quando todas as nações aperfeiçoavam o official no presente para poder fazel-o official do futuro, o Brazil preparava bons mestres de navios de vela.

E nem essa mesma instrucção poderam ter todos. Os navios de vela e mixtos não eram muitos, e não se podiam embarcar em cada um turmas de capitães tenentes e primeiros tenentes, como se fôsem guardas-marinha ou aspirantes.

Por outro lado, aos officiaes que voltaram da campanha, faltava em geral o estímulo, a energia, a força de vontade. A carreira lhes fôra facil; ascenderam-lhe rapidos os primeiros degraus; todos tinham deante de si uma longa vida a garantir-lhes o accesso aos ultimos, e muitos a auxiliá-los o renome de bravos. Demais, era difficil vencer o amor-proprio; ir ser, como official superior, novamente aspirante: aprender tudo; todos os progressos lhes eram desconhecidos; era um novo curso escolar a fazer. E, assim, se fôram deixando embalar e dormir sobre a celeridade com que galgaram os primeiros postos e sobre as glorias colhidas na guerra. Inutilisaram-se; divorciaram-se da sua profissão. As capitancias de portos ahi estavam a garantir-lhes commissões; os commandos de escolas de aprendizes marinheiros, logares que deviam exigir actividade, dedicação, fôram transformados em postos de descanso.

Assim, quando a Republica se fez, a generalidade dos nossos officiaes mais antigos, dos chefes e dos que estavam em vespuras de o ser, era constituida por homens sem valor, sem preparo, sem amor á profissão. Poucos, depois da guerra do Paraguay, se tinham

esforçado por attingirem o grán de instrucção que lhes competia; tão poucos que seus nomes eram citados: Custodio de Mello, Silveira da Motta, Saldanha da Gama; acompanharam-n'os, apenas de longe, um ou outro: Eduardo Wandelkolk, Julio de Noronha, von Hoonholtz, Guillobel.

Com os outros, os novos, dava-se, em parte, o contrario. Tambem na Escola só se lhes insinára velharia, o que era já archaico; terminado o curso escolar, entrados na vida pratica, desejaram talvez acompanhar o progresso; mas onde? mas como? Seus superiores desconheciam-no; eram tambem ignorantes delle, eram apenas, em geral, bons pilotos, lobos do mar. Os navios todos, material antigo; os dois primeiros vasos modernos só chegaram ao paiz em 75 ou 76; mas, pequenos, como eram, poucos officiaes comportavam. Numa epocha toda de vapor e couraça, podiam só applicar a tactica da marinha mixta ou a vela. Nos arsenaes, tudo antigo, do tempo da guerra; onde aprender, pois? Escolas praticas não existiam, ou o eram só no papel. A de artilharia, proposta em 1867, só foi creada em 1883 e de tal fórma «que a Escola Pratica de Artilharia, para officiaes da armada, nunca foi bem acceita pela corporação».

Depois, os quadros cheios de gente inutil e ignorante, o futuro nada risinho; começaram a surgir os segundos tenentes de 4, 5 e mais tarde 7 e 8 annos; para que aprender? para que aperfeiçoar-se? Sonhos de gloria, ambição de renome, amor ao trabalho e a profissão, tudo desaparecia. O despeito de encontrar só inercia, só ignorancia, onde se pensava achar vida e proficiencia, mudava-se em desanimo; depois, em corrupção. Para que estudar?

TONELERO.

(Continúa).

## O CIUME

### DEFINIÇÃO

*Conferencia realisada  
no Instituto de Musica.*

*O ciúme...* E' preferivel, antes de definir esse estado d'alma, discorrer um pouco sobre o valor dos termos. Evitaremos assim uns tantos equívocos, que falseiam sempre o juizo. E o essencial, numa palavra destas, é comprehendermo-nos — nas intenções e nas opinões.

Notemos logo que, tratando-se de analysar o ciúme, é indispensavel distinguir o ciúme—do ciúmento. Um é o veneno derramado no organismo normal, commum, e que reage, e lucha, e onde vemos uma e outra e outra fun-

ção atacada, perturbada, até o momento em que o corpo se desembaraça ou succumbe. O outro é o organismo que nasce já envenenado, votado ao ciúme, infiltrado de ciúme, toda a vida deformada, nessa especie de envenenamento moral hereditario. Para bem conhecer o ciúme, devemos estudal-o nas gentes sãs. E' ali que o sentimento se destaca e se caracteriza bem; e vemol-o nascer, crescer, rugir, dominar, até devorar a propria victima no crime e no suicidio, ou diluir-se no tempo e no esquecimento. Nestes, o ciúme é um episodio na vida. uma emoção, um transe sinistro; fez a sua obra e passou, deixando, embóra, cicatrizes, mutilando a alma. Nos ciúmentos, porém, o ciúme é a historia da propria vida; uma coisa se confunde na outra, e o individuo é, apenas, um ciúme—que pensa, anda, discute, almoça, entra, sae, casa e trabalha, sempre em crises, que se encadeiam e se complicam, dando-lhe a todos os sentimentos e idéas essa côr de biles e de odio; e creando, para quantos o cercam, um ambiente de suspeitas e torturas. Estudarei o ciúme; não sei se tratarei dos ciúmentos: esta segunda parte é ardua e perigosa — é sempre perigoso tratar de ciúmentos, ou tratar com ciúmentos.

E para que definir o ciúme? A definição serviria para apontal-o e indical-o a quem não o conhecesse... Não farei essa injustiça aos que me ouvem. Tolstoi, no seu desembaraço de apostolo, pergunta — «Quem é que não passou pelo ciúme?» Pelo que vale o grande moralista, acredito que o ciúme é universal. Pouco importa que a experiencia genial de Shakespeare nos aponte o perigo: «Gurdae-vos do ciúme! E' um monstro de olhos verdes, que prepara para si mesmo o veneno de que se nutre?!» Quando as circunstancias se combinam, eil-o a morder-nos o coração, com todo o seu cortejo de vehemencias ou dissimulações, dôres, tristezas, desvarios e coleras. Não é preciso escolher, nem esperar. Entremos no primeiro festim que se nos offerecer: musica, flôres, luz, belleza, alegria. e a vista se embebe e se perde, arrastada por todos esses rumores de um salão em festa.

Detenhamo-nos um pouco: os pares, afogueados de mocidade (mesmo dessa meia mocidade que ainda dança) passam e gyram, no rythmo da valsa em moda. e, presos a cada um delles, lá vão olhos tenazes, que fuzilam a um canto, numa ancia dolorosa, mordentes, acres. Nuns, é apenas a solitudine inquiéta; noutros, já é o odio, o clamor de vingança. E pelos vãos das portas, nas sombras dos reposteiros, por toda parte, encontraremos pupilas que brilham desse brilho máu, labios que tremem, mándibulas que trincam. São feras. projectos de

feras—são ciúmentos. Pelos sofás e conversadeiras, atrás dos leques, ou folheando albuns, ou dedilhando o piano, conversando modas, ou elogiando o ultimo tenor, encontraremos outras tantas ciúmentas. Se recolhessemos tudo que, entre rizos, ellas dizem, teriamos litros de fél—o fél que o ciúme distilla e derrama.

No emtanto, não obstante ser tão commum, e tão conhecido, não são bem accordes as definições do ciúme. Deixemos de lado a de Shakespeare, figurada, mas justa, quando lhe chama de *monstro de olhos verdes*. Porque *verdes*? serão mais perfidos e crueis os olhos verdes?...

Tolstoi é mais preciso ainda, e o qualifica de *cancro d'alma*. E são todas assim as definições dos litteratos: *uma tempestade nos sentimentos, demonio implacavel*... Os philosophos e psychologos deixam esse tom pittoresco. Descartes, no seu rigor matematico, define: «E' uma especie de medo, que se refere ao desejo que temos de conservar a posse de um bem qualquer». Diderot é mais pessimista: «Paixão cruel e pequena, que se baseia, justamente, no reconhecimento da superioridade de um rival». Um outro—não direi o nome para lhe não crear antipathias—escreve: «O ciúme é um medo morbido, indo da estupidéz inerte á raiva aggressiva».

«Mas é a emoção essencialmente humana, direis, profundamente humana, porque é o apanagio do amor, o seu reverso, a sua prova». Não—nem o ciúme é um sentimento exclusivamente humano, nem é o reverso, ou a prova, a consequencia do amor. Não lhes pareçam excessivas estas categoricas affirmações. Não são affirmações—são factos. Todos os animaes superiores são susceptiveis do ciúme. Sobre o ciúme dos animaes, Darwin construiu uma parte da sua theoria de evolução, a chamada *selecção sexual*, que assim se explica: grande parte dos animaes são passiveis de ciúme—mamíferos, aves, reptis, insectos. E, estimulados pelo ciúme, luctam os machos, disputam a posse das companheiras, e vencem, e matam o rival;—o que venceu, porque é o mais forte, ou o mais bello, é quem procreia; e a prole herda-lhe essas qualidades de força, de destreza, ou de belleza e de arte (porque certos passaros luctam e supplantam o rival pelo canto). E, assim, a especie se apura e se aperfeiçoa cada vez mais. Alfio esfaqueando Turiddu não é diverso do antiloppe, cujas pontas transpassam o rival, obrigando-o a fugir, ou deixando-o prostrado. Uma objecção logo acode: «Que approximação ha entre este ciúme brutal e as fórmulas complicadas do ciúme humano, que acompanha, não só o amor sexual, como a simples amisade?» A objecção teria

valor, talvez, si nos animaes uão encontrassemos, tambem, fórmas requintadas de ciúme—ligadas, por vezes, á simples affeição. Os livros de historia natural estão cheios de casos e de anedoctas, que representam manifestações de ciúme animal, humanisado. Brehm, Romanes, Darwin, Courmelles, citam diversos. Refirirei apenas dois, característicos. Um tem a responsabilidade de Romanes — *Um carlindoque*, velho e alquebrado, vê entrar para o seio da familia, um *fox*, novo e agil, para quem se voltam agóra todas as festas e mimos. O velho cão se dóe com isto, toma-se de ciúme e de odio pelo *intruzo*, não o quer, nem delle se aproxima; mas, comprehendendo que os senhores estimam e acariciam o outro pelas suas cabriolas e pela sua vivacidade, domina a fadiga e a velhice, e faz-se agil, segue os donos nos passeios campestres, saltalhes ás pernas tal como o rival que lhe veio dispartar a affeição e as caricias dos senhores. O outro caso é tirado a Courmelles — *Les facultés mentales des animaux*: Thomaz Beale tinha no gallinheiro um casal de patos, e resolveu substituir o macho por um outro. Não consultou o gosto, nem o coração da pata, e o certo é que ella não accitou a côrte do novo companheiro que lhe impuzeram, de tal modo que Beale resolveu restituir-lhe o antigo esposo. O pato repellido nem de longe buscou conquistar a pata ao seu legitimo dono; não obstante isto, taes coisas referiu a Penelope palmipede, que o pato, sentindo um furor de ciúme posthumo, atacou o triste regeitado e o matou.

O ciúme é universal — abaixo dos homens, decima dos homens — por toda parte o encontrareis: «E por isso se diz que Dens é ciumento—a todos que não o querem amar, elle precepita no inferno». São palavras do padre Constante.

Foi principalmente a litteratura que creou essa illusão sobre a natureza e a origem do ciúme, considerando-o e apresentando-o sempre como filho do amor — filho que devora o pae, disse um poeta desabusado. A prova elemental de que o ciúme não é o reverso do amor é que elle é muito mais commum do que o amor. Ha ciúme sem amor, assim como ha amor sem ciúme, apezar do que affirma a poesia popular:

Quem tem amor tem ciúme,  
Quem tem ciúme quer bem.

«Quando, no amor, não ha ciúme é porque não ha motivo», objectar-meão. E eu pergunto—mas, o ciúme precisa de motivos? A maior parte dos ciúmes — e não digo isto para innocentar os que são alvejados pelo ciúme — a maior parte delles são de todo infundados. E são os mais ferózes, —

pelo menos os mais incansaveis, porque, em verdade, não é o muudo exterior que nos impõe o ciúme; somos nós mesmos que, por motivos permanentes ou passageiros, o preparamos. E é por isso mesmo que ha pessoas mais ciumentas do que outras, e ha raças e climas onde esta emoção é mais commum. Shakespeare acredita que a subida da temperatura provoca epidemias de ciúme. Diderot sustenta que as raças dos climas queutes são mais sujeitas a essa enfermidade — quero dizer, a este sentimento, que as dos climas frios; e um psychologo — cujo nome tambem não direi, affirma, que elle é infinitamente mais frequente nas mulheres—Calumnias sem duvidas!...

Ao passo que o ciúme é tão commum, o amor, o verdadeiro amor, é raro, muito mais raro do que confessamos a nós mesmos. A illusão o substitúe, e quando ella se desvaneece — vem então o ciúme fazer o reverso de um amor... que nunca existiu. Fôram os romancistas e poetas que crearam essa confusão entre o amor e o ciúme, confusão que muito tem concorrido para que este sentimento seja mal analysado e mal interpretado. E desse modo procuram trazer a complacencia e a piedade dos homens para os infelizes, torturados pelo *monstro de olhos verdes*. Não seria preciso; a nossa compaixão váe naturalmente para os que soffrem — e nenhum soffrimento é mais cruel que o do ciúme. Mas, com a suggestão da litteratura, não é só o dó e a compaixão — é a sympathia que levamos ao ciumento — ao amante ciumento. Querem um caso mais typico do que este de Othelo?... E' a tragedia classica do ciúme, ciúme cego, feróz, implacavel, homicida... e o publico esquece, quasi, a infeliz Desdemona, para desfazer-se em lagrimas pelo *mouro sanguinario*; treme de dôr sympathica, ao assistir as torturas com que o ciúme lhe exacerba a alma. Estes sentimentos se completam, no coração dos que ouvem ou lêem o terrivel drama, por uma repugnancia, aversão e odio contra Iago. E quem é Iago? Um ciumento tambem; qual a razão dos seus crimes? O ciúme, a sêde de vingança:

«Não trarei satisfação á minha alma, si lhe não retribuir na mesma moéda — mulher por mulher; ou, si o uão conseguir: que pelo menos possa mergulhar o mouro num ciúme tão terrivel que seja incuravel.

Iago suspeitava que o *mouro lascivo* o traíra, e, tomado de ciúme, queria pagar-lhe na mesma moéda. Mas, delle, nós não vemos sinão o ciúme, com os seus processos de vingança, e tudo nos parece torpe. Othelo, amante, apaixonado, gritando, ao mesmo tempo o seu affecto, as suas furias de amor e de

ciúme, tem toda a nossa compaixão interessada.

#### ELEMENTOS AFFECTIVOS DO CIUME

Que vem a ser então o ciúme? Si elle não é uma consequencia de amor, qual a sua verdadeira origem? Quaes os seus processos de formação? Uma pequena e facil observação de psychologia animal, que qualquer póde effectuar, responde a todas essas questões. Certos cães, principalmente os de raça fina e intelligente, quando animados e acariciados, se tornam ciumentos. Temos o animal ao cólo. afagamol-o, e, si outro cão se aproxima, eil-o zeloso, irritado, a rosnar; basta o menor signal de caricia dirigido ao rival, para que o ciumento se lance sobre elle, em furias de dentes... Reparemos no gesto com que o cão se atira ao rival, no tom de rosnar, na violencia com que procura amedontrar e afastar o outro, e reparemos tambem no modo pelo qual elle defende o seu prato de comida, á aproximação de um animal qualquer, — e verificaremos que a emoção, o impulso intimo, nos dois casos, é absolutamente o mesmo. A unica differença é que, no primeiro caso, repellido o rival, ao voltar ao cólo do dono, o cão amimado e zeloso traz, velando a meiguice e a submissão do seu olhar, uma expressão de queixa; — nas nevoas da sua consciencia elemental, já se representa, talvez, a idéa da infidelidade... No homem, essa representação é nitida, completa, enriquecida com a imagem de tudo quanto perdemos (ou quanto perderiamos) quando a infelicidade e a traíção se realisam; e é essa representação que nos faz esquecer a origem primeira e a natureza essencial do ciúme.

A posse de qualquer coisa que nos é necessaria para a realisação das nossas necessidades organicas ou moraes, é sempre o motivo de uma emoção — a *emoção ou o sentimento de propriedade*. E é preciso não confundir este sentimento com a emoção particular do gozo do objecto em si. A posse é distincta do gozo. Tanto é assim que nós não procuramos a posse — não procuramos nos apoderar sinão de coisas que, seudo uteis e necessarias a nós, não pódem ser ao mesmo tempo aos outros. E' o instincto egoista, de conservação do organismo, ou da personalidade, que nos leva a nos apropriarmos desses objectos; e a satisfação dessas tendencias egoistas produzem uma emoção especial — a emoção de propriedade — emoção agradável, que tradúz o augmento de nossas forças e das nossas possibilidades de viver e de gozar. Esse estado agradável ainda mais se reforça, porque a elle se associa a imagem do antegozo desse objecto de que nos fazemos senhor. Nestas condições, e muito natural-

mente, a perda, a desapropriação, ou mesmo a simples ameaça de perda, provoca, motivada nas mesmas tendências, uma emoção desagradável, dolorosa. Conhecendo a causa dessa perda ou dessa despossessão, nós nos tomamos de colera e de odio contra ella. E a colera se funde com a emoção primitiva de perda — eis o ciúme. Como se vê — e isto é simples como o dia e a noite — o ciúme é o reverso da emoção de propriedade, associada á emoção da colera. Não é porque amamos um objecto, que nos sentimos tomados de ciúme, si outros o amam e o buscam — é porque só podemos utilizar esse objecto, apropriando-nos d'elle, e, em tal caso, si outros o buscam e o amam, *estamos ameaçados de perdê-lo*. Amamos o sol, a luz radiante de uma manhã de agosto, e pouco nos importa que outros — que todos os outros — amem este mesmo sol e esta mesma luz; amamos a voz de um artista, o talento de um escriptor, a belleza de uma payzagem, e não buscamos saber, siquer, quantos são os que também amam este mesmo artista ou esta mesma payzagem. Que nos interessa isto, si o nosso gozo é completo, sem necessidade de reduzir o artista ou a payzagem ao nosso uso exclusivo?... E' simplesmente por mais commodidade, que reunimos, em casa, obras d'arte — para ter o gozo *á mão*; mas reunimos os amigos, mostramos-as, e até nos apraz vel-os também enthusiasmados, amando esse bronze ou essa agna-forte que nós amamos. Mas ninguém supportaria esses enthusiasmos e esse amor dirigidos á pessoa amada. Além da ameaça que esta confissão de amor traz para quem se julga o amante possuidor, ella já lhe diminúe a posse, porque leva a attenção da pessoa amada para o rival — desvia pensamentos.

O ciúme é, pois, uma emoção que tem o centro emocional no instincto egoista de propriedade — é um sentimento egocentrico, como diria a linguagem rebarbativa dos sociologos. Essa propriedade nos parece necessaria para satisfação, não só das necessidades physicas, como das necessidades affectivas, ligadas á conservação da especie. Mas o instincto de propriedade, em si, é nimamente egoista. A urdidura do ciúme é o puro egoismo — a defeza da propriedade pessoal. Aspirando á propriedade moral ou affectiva, formando-a, defendendo-a, nós estamos formando, realisando e defendendo a nossa individualidade, desinteressados, absolutamente, dos outros. Não tem razão Sergi, quando diz que o centro emocional do ciúme é o centro sexual. Tanto não é assim que se encontra, e frequentemente, o ciúme fóra das preoccupações sexuaes, ao passo que é impossivel encontrá-lo desligado da preocupação de propriedade. (1)

E' verdade que o ciúme foi util, e numa certa medida ainda o é, aos interesses da especie. E quantas outras manifestações, de fundo estrictamente egoistico, são egualmente uteis á propagação e ao apuro da especie? A defeza da saúde — permitindo procrear filhos sãos e rebustos, os habitos de asseio, de methodo, etc., trazendo bons exemplos. O ciúme é a dôr, a colera, a furia, de não possuir exclusivamente; elle irrompe sempre que o individuo, julgando o objecto necessario á sua vida affectiva, physica, intellectual, ou social, se considera prejudicado, caso haja partilha.

Bourget classifica os ciúmes em *ciúme de cabeça, ciúme dos sentidos, ciúme do coração*. Classificação magnifica, porque a decoramos com facilidade. Todos elles estão dentro desta regra geral. No caso do ciúme de cabeça — quando o sentimento se liga aos preconceitos de honra e amor-proprio, si elle se manifesta e se tradúz em actos, é porque o individuo julga necessario ao seu prestigio social a propriedade exclusiva do objecto do ciúme; sem isto, tal individuo se vê decaído, ridiculo, desconsiderado... Nos chamados ciúmes dos sentidos e do coração, ainda é mais frisante essa preocupação da propriedade exclusiva. O prazer das caricias, o tom, a espontaneidade e exuberancia da ternura, não parecem reaes, si o individuo não se sente senhor exclusivo daquellas caricias e daquella ternura, porque esta exuberancia, esta effusão e espontaneidade são o estímulo necessario para exaltar-lhe a sensibilidade. E deseja-se, e exige-se que a pessoa escolhida traga uma pureza absoluta, que é a garantia de uma posse completa — dos sentidos, da alma, dos pensamentos, e imagens, e recordações, e desejos. Que não entre allí nenhum elemento estranho, que não haja nenhum confronto, nenhuma distração de forças affectivas.

Para fazer a demonstração completa, exhaustiva, desta affirmação, bastaria repetir aqui as palavras e as queixas dos ciúmentos — nos romances, no theatro, ou na vida real.

Oh! maldição do casamento, exclama Othelo — que nos digamos senhores destes seres frageis, e nunca dos seus desejos! Preferia ser um sapo. a ter de deixar um logar no que eu amo para uso dos outros!

A sua grande dôr, o seu desespero, é por ter *perdido* a alma e o corpo de Desdemona, que são para elle maravilhas:

. Perder o asylo onde eu havia encerrado todos os thesouros do meu coração, o asylo onde deveria viver ou perder a vida. A fonte donde tiro a

vida — resequida! Ser della expulso, ou conservá-la como uma cisterna, onde sapos imundos se vêem juntar!

E continúa:

Uma creatura completa!  
Uma mulher tão bella! Uma  
mulher tão doce!... Tu, a  
mais maravilhosa obra da Soberana Natureza!...

. Era digna de partilhar  
o leito de um imperador...

. De um espirito tão elevado!  
de uma imaginação tão fecunda!...

A sua idéa obsedante é que ella houvesse levado esses dotes para outro:

Cassio com ella?... Os seus  
olhos!. As suas faces!..  
Os seus labios!... E' possivel?!

E cáe nas garras da epilepsia.

Váe para mata-a, e continúa a ter  
deante dos olhos aquella riqueza perdida:

Oh! flôr dos bosques! Como  
exálas um perfume tão doce!  
Como embriagas os sentidos!

Mata-a, e a imagem dessa perda  
não o abandona:

Sou o homem que destruiu a  
perola mais preciosa...

Paul Marguerite, no romance *La Tourmente*, que é uma analyse intensa e crúa do ciúme, deixa bem patente que toda a emoção se desenvolve em torno dessa idéa — a perda e a despossessão da pessoa amada.

Todo o seu coração, e todos  
os seus pensamentos — toda  
sua alma partiram para o  
outro...

E esta idéa lhe

...despertava n'alma insupportaveis obsessões, uma volta de soffrimentos passados — as caricias que ella déra ao outro. *Ella o amou!* isto lhe parecia profundo como o mar...»

.. Outro devia subjugal-a  
sem difficuldade e fazer della o  
que quizesse.

Sentia.

a partilha immunda..  
os labios ainda humidados dos  
outros beijos. tudo que o  
ciúme tem de mais ignominioso e obsedante.

E esta insistencia em reconstituir na imaginação o bem perdido é tal que leva o ciúmento a figurar as hypotheses mais dolorosas e revoltantes. Esse mesmo Jacques teimava:

E tu o amaste? — disseste-lhe que o amavas.. e elle te teve nos braços?

.. Quanta gente não te tem cubizado?..

E' a mesma obsessão angustiosa de um dos muitos ciúmentos de Bourget.

via todos os desejos em torno daquelle torso adorado...

O heróe de *Mensonges*, do mesmo Bourget, escalda a imaginação em representações analogas :

A' lembrança dos beijos della... viu-lhe os labios sinuosos, a tez rosada, os olhos azues, os cabellos de ouro, aquellas espaduas e aquelle torso, sobre o qual vagaram os seus labios sedentos. E os olhos do ciúme exprimiam um delirio selvagem. Outro possuía aquelles olhos, aquella bocca, aquellas caricias tristes e apaixonadas, como só ella sabia dar.

E o grande desespero vem da convicção de que, perdido aquelle bem, é impossivel encontrar equal: toda substituição parece insupportavel. Em grande numero de casos, os ataques, as offensas physicas contra o amante, não téem por fim sómente fazel-o fazel-o padecer; mas tambem deformal-o, afeial-o, de modo que outros não o queiram possuir. E' por isso tão frequente o uso do vitriolo contra os amantes traídores.

O atormentado ciúme de *Sonata de Kreutzer*, de Tolstoi, vocifera a mesma queixa :

Reconhecia-me com um direito indiscutivel sobre o seu corpo — mas a sua alma me escapava. Quizera que ella não quizesse o que ella forçosamente deveria querer... Era loucura!

Mesmo na analyse dos romancistas temperantes e septicos, encontramos o ciúme ligado á idéa da propriedade desfeita, da perda. Mr. Bergeret, ao reconhecer a infidelidade da mulher, apesar da sua doce philosophia,

Sente-se desgraçado e acabruhado. Não era a sua felicidade desfeita (nunca fôra feliz), era a sua pobre vida domestica, a sua existencia interna, agóra deslhonrada, que se esboroava.

.Enterneceu-se ao pensar na sua intimidade desfeita... Não amava a mulher, mas, sem sem duvida, ella era uma grande parte da sua vida.

Machado de Assis nos apresenta o quadro, terrivelmente humano: de um marido, apaixonado pela mulher, e que, junto ao cadaver de um amigo intimo, pelo olhar que a mulher lançou ao defunto, descobre que fôra enganado. Mas as contingencias sociaes o obrigam a fazer, junto á cóva, o panegyrico do amigo rival :

Eu acabava de louvar as virtudes daquelle homem que recebera, defunto, aquelles olhos...

E' nessa contradição horrenda que a dôr se exprime. Em todas as fórm

do ciúme, encontramos essa mesma preocupação—da propriedade exclusiva. Nos ciúmes posthumos retrospectivos—na obsessão do passado, o zelo vem do receio de que esse passado, e os amores que o encheram, tenham deixado na alma do amante actual imagens, recordações agradaveis, que o distraíam, e o impeçam de entregar-se completamente ao presente. O mesmo succede nos ciúmes do futuro, os ciúmes *anthumos*—tambem os ha: maridos que deixam fortunas ás mulheres com a condição de que não casem; mulheres que arrancam aos maridos a promessa de que não convolarão a novos amores. Parece que até o Estado tem esta preocupação, porque retira o montepio á viuva que casa. As juras de eterno amor e de eterna fidelidade, são a demonstração corrente dos ciúmes pelo futuro. Neste caso, o que se teme, o que dóe, é a idéa de que o amante possa aspirar e sonhar outros gozos, e com isto se desprenda dos amores actuaes.

Mas não é possivel encontrar o ciúme de par com o amor, ligado a elle? Eis a pergunta que eu sinto pairar aqui, neste momento.

Encontra-se, e frequentemente, o ciúme—complicando, fechando casos de amor. Então, porém, trata-se sempre de uma fórmula egoistica de amor; e, mesmo assim, quando o ciúme apparece, é para indicar que o amor acabou, dissolvendo-se numa desillusão, numa tragica decepção. Foi um amor sonhado, uma posse idéada, e que se não realisou. Simultaneamente—amor e ciúme?... Duvidemos.

Levanto, assim, uma duvida, que, por importante, merece uma certa elucidação; e isto não se póde fazer sem a analyse, summaria embóra, das fórmulas de amor.

#### CIUME E AMOR

O amor e mesmo a simples amizade apresenta-se sempre sob uma destas duas fórmulas, que de um certo modo até se oppõem: ou é o amor em que o individuo vê e trata a pessoa amada como a condição necessaria para amar-se a si mesmo—quer dizer: que essa pessoa offerece e proporciona umas tantas condições indispensaveis para que a individualidade do amante se possa expandir e viver intensamente; ou é o amor a que o individuo é levado pelo impulso natural de dedicar-se a qualquer coisa fóra de si. O primeiro é o amor egoista—o unico capaz de terminar em ciúme; o segundo é o amor altruista, que toma varias fórmulas.

Desfaçamos logo um equivoco. O egoismo não consiste, apenas, na preocupação estreita de conservar o corpo, e fugir aos lances perigosos. Esse é o egoismo chato, elementar. Geralmente

esse instincto se dilata, em manifestações diversas, que téem todas, no emtanto, um traço caracteristico—a tendencia do individuo a constituir-se o centro e a razão de tudo, ou, pelo menos, o elemento principal.

O amor egoistico póde ser apenas sexual, ou nimamente espiritual, sem perder, no emtanto, o seu caracter; isto é—trata-se de um amor, de um agitar de affectos, cujo centro está no proprio individuo que ama. E' o amor que pede retribuição e correspondencia, porque esta é a condição necessaria para que elle se considere realisado. O individuo amando, assim, aspira e exige que toda a vida affectiva da pessoa amada se desenvolva em torno daquelle amor, porque, si tal pessoa foi escolhida—é justamente porque o amante julgou encontrar alli o seu idéal, isto é, um conjuncto de qualidades, de sentimentos, ou de tendencias, capazes de completar a sua personalidade, de estimular e de reforçar o seu poder de sentir e de gosar. Na pessoa amada, tal amante vê a exteriorisação, a projecção de si mesmo, a synthese de tudo que constitúe os seus desejos e aspirações fundamentaes. Querendo aparentemente a outro, o individuo está amando, reforçando e cultivando a sua propria individualidade, porque aquelle ser amado é o seu grande estimulo, é o cerebro e o coração onde as suas idéas e sentimentos se completam.

Mas, para que tal estimulo se exerça, e que o amante se sinta completado na pessoa escolhida, é indispensavel que ella abdique de ser uma individualidade distincta, e seja o reflexo da sua alma. Assim, o individuo suppõe ter attigido o fim supremo da vida—a inteira expansão da sua personalidade; sente-se existir fóra de si mesmo, desdoblado noutra pessoa. E' quando os nossos prazeres se reflectem noutras almas, que elles parecem mais intensos. Em muitos casos, o influxo destes affectos que se entregam, é uma fonte de inspiração; elles véem organizar o cháos de tendencias e de idéas, e tirar dahi, os grandes pensamentos originaes, as fortes emoções de belleza, que se traduzem em obras immortaes, e são o supremo gozo para quem os produz. Então, o que se entrega tem de ser uma propriedade exclusiva do amante, para que se lhe não desorganise a vida intellectual e affectiva. Sinão—é o esboroamento de toda uma existencia, é o desesperado ciúme, porque o amante sente fugir-lhe a propria alma. *Ella era tudo para mim!* exclama elle, nos transes desta morte antecipada.

Em taes amores, sensuaes ou espirituales, quanto mais perfeita é a posse da pessoa amada, mais completo é o gozo do amante, que exige, sempre e sempre, ternuras patheticas, dedica-

ções absolutas; a idéa de propriedade, de senhorio, de despotismo, é constante. O que faz o enlevo de taes amores, não é o que o amante dá, é o que recebe; e elle espera, sempre, mais do que recebe. Eis a razão porque o ciúme é mais frequente na *posse* para o amor, do que na *posse* para a amizade; porque, no amor egoista, para que elle dê a consolação desejada, é necessario que a pessôa amada se abandone mais completamente do que na simples amizade. E o ciúme pôde sobrevir independente, mesmo, de qualquer infidelidade real; elle sobrevem logo que o amante não consegue obter do seu amor tudo o que aspirava e que sonhou.

Estes amores egoistas, raramente felizes, são terrivelmente dolorosos nos casos em que os dois que se approximam, *anciosos de realisar o seu idéal*, são temperados no mesmo egoismo, e egualmente exigentes, querendo cada um fazer da propria pessôa o centro dos affectos communs. Em taes casos, o homem e a mulher devoram-se reciprocamente; unem-se, ás vezes, dominando obstaculos sobrehumanos, para separarem-se amanhã, odientos, amargurados de decepções, renegando e descrendo de todos os votos de fidelidade.

A outra fórmula de amor—do puro, do legitimo amor—esse não tem encontro com o ciúme. São os amores em que os que amam se esquecem de si mesmos, e fazem de um objecto—de um idéal ou de uma outra pessoa directamente, o centro desses amores, o fóco em torno do qual se organizam e se systematizam os seus affectos. Em certas naturezas de elite, esse amor, aparentemente sexual, applica-se a um ser real, que a imaginação enriqueceu, idealizou; e traduz-se por um indefinido anseio de penetrar no absoluto e na immortalidade,—o desejo de confundir-se na belleza, na vida universal. Esta suprema aspiração, nos temperamentos dos geniaes do amor, corporifica o bello—o idéal, para o qual traz o amante todos os thesouros do seu entusiasmo e da sua devoção. Taes são os amores de Dante, Lourenço de Medicis, Petrarca, Miguel Angelo, Guido de Cavalcanti. Monna Wanna, Victoria Colonna, Laura, amadas com esse amor, condensavam, na mente e no coração dos amantes, a belleza, a absoluta bondade. Um outro aspecto dos amores altruistas é o de Stuart Mill e Mme. Taylor. O philosopho inglez tinha todos seus os affectos concentrados no desejo de uma harmonia superior, sem preocupação da sua propria personalidade.

Quanto ás simples amizades, ellas são tambem geralmente egoistas; em torno dellas gravitam muitos ciúmes, menos asperos e violentos, mas egualmente reaes. Apontam-se, escassa-

mente, amizades como a de Renan e Berthelot, Darwin e Lyell. São amizades em que ha uma intima penetração de idéas e de sentimentos, sem calculos nem restricções, laço sympathico entre dous sêres, pela aproximação de intimas afinidades, moraes e mentaes, orientadas por um idéal commum, ou baseados numa natural attração, e fortalecidos na necessidade, innata em certas almas, de dedicar-se a outrem, para gosar e sentir por sympathia as suas alegrias e as suas dôres. Não ha, neste sentimento, nem calculos, nem exigencias; elle é todo feito de apego, devoção, sacrificio e renuncia. E' o culto de uma individualidade; e exclúe, *ipso facto*, todo ciúme, toda inveja, toda critica. A simples contemplação affectiva o satisfaz.

E' tão raro uma destas amizades como um grande amor. Exigem—um e outro—almas de tempera especial: vigorosas, vibrantes, delicadas, sensíveis e abnegadas. Ha um temperamento de amante e de amigo, como os ha de poeta, de sabio, de apostolo; nesses temperamentos, entra o que ha de mais precioso no coração humano.

MANOEL BOMFIM.

(Continúa).

(1) O estimado chronista do *Paiz* — Pangloss, referindo-se a esta *Conferencia*, em termos que, aliás, vão muito além do que ella pôde valer, nega que a emoção central do ciúme seja o reverso da emoção de propriedade; e, sem determinar o que vem a ser o elemento emotivo capital neste sentimento, diz que—o ciúme é qualquer coisa, surgindo fatalmente com o amor, *haja ou não haja motivo*. Para justificar-se allega o distincto escriptor:

1º—que sentimos ciúme, quando mesmo a pessôa amada não é propriedade nossa. Objecção a que se pôde responder—*Exactamente*: e o ciúme vem do facto de não nos sentirmos *proprietarios*. Além disto, pelo modo de referir-se a essa *propriedade*, se verifica que o chronista tem em vista a propriedade confessada, a propriedade official; ao passo que, em psychologia, quando se falla em «emoção de propriedade» é com referencia ao sentimento intimo—de considerar-se o individuo o senhor ou o despojado de um bem necessario ao seu goso.

2º—que nós só sentimos ciúmes no amor pelas pessôas, e nunca pelas coisas inanimadas. Não é exacto. Ha ciúmes, e intransigentes, por coisas mortas, desde que ellas só nos possam ser completamente uteis ou agradaveis, quando gosadas exclusivamente. Uns têm ciúme do cachimbo em que fumam, outros da navalha com que se barbeiam, outros da penna com que escrevem, outros da mesa em que trabalham. No entanto, em muitos casos de amor—até mesmo de amor sexual, não ha ciúme.

Em certos casos, pôde haver ciúme por «pessôas» sem nenhuma attração de amor ou de amizade. O chefe caudilho não tem amor aos soldados, a quem sacrifica de bom grado quando é preciso, mas tem delles um ciúme feróz; não supporta a idéa de que estes soldados possam passar a outro caudilho. Quanto aos soldados, estes têm um profundo amor pelo chefe, e por elle se sacrificam, sem sentir nenhum ciúme; é até com prazer que o vêem amado por todos os outros

soldados. E' que o chefe *precisa* que os soldados sejam propriedade sua exclusiva, ao passo que os soldados o amam por admiração, e não *precisam* fazer d'elle uma propriedade.

## O ALMIRANTE (49)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

— Ah, marqueza — continuou Marianinha — não imagina quanto tenho soffrido dessa dôr que ninguem comprehende, dessa dôr que todos attribuem a nervoso, a anemia. Eu sei lá! A's senhoras posso, emfim, revelar o meu atróz segredo, que meu marido ignora, coitado... tão bom... tão amigo... tão generoso..

Nesse desbordamento de ternura, a misera tomou as mãos da marqueza, conchegou-as ao seio e abraçou-a, depois, num demorado conchego.

— Como seria bom morrer — disse ella, em vóz sibillante e secca—morrer aqui, num seio amigo.

De envolta com as essencias capitosas, a marqueza aspirava daquelle corpo um cheiro repugnante, uma emanação estranha, sensual, de cabras ciosas, como se aquella creatura debilitada fôsse devorada pelas chamas de desejos impossiveis, insaciados.

Uma enfermeira se approximou timidamente, trazendo numa salva de prata um calice de crystal cheio de vinho.

—Perdão—disse ella—E' a hora da poção.

—E' como vêem:—exclamou a baroneza, de máu humor—remedios a toda a hora, a cada instante. E' um supplicio.

Marianinha percebendo que a marqueza se commovia com aquelle espectáculo pungente, deu o signal da partida.

—Até quando?—perguntou anciosa a baroneza, em cuja frente perolavam algumas gottas de suor.

—Até breve. Virei vel-a com frequencia.

—Promette?

—Prometto. Tenha paciencia que isto passará—affirmou, com meiguice, a marqueza, que sentia ainda mais acido aquelle horrivel cheiro.

Na carragem divisando a sombra da baroneza através da cortina diaphana da janella, Marianinha disse á marqueza num tom penalizado:

—Coitada! Aquella está condemnada. E eu que não sabia que ella era uma das victimas do tal doutor Valente. Ouvi dizer que muitas senhoras tratadas por elle acabaram loucas, outras ficaram para sempre perdidas com as entranhas queimadas por uma

injecção de drogas mysteriosas, empregadas para que as mulheres não concebiam. Nunca ouviu falar nisso? Pois andaram pelos jornaes casos escandalosos. Uma miseria... E, pensar que se sujeitam a esse supplicio por luxo, para não perderem os encantos, para ficarem sempre moças. A' custa dessa vergonha, eu não desejaria ser joven toda a vida... Credo! Aquella foi bem castigada. Devia haver uma lei contra isso...

A marquezia ouvia em silencio, de olhos baixos, quasi cerrados, como se meditasse sobre o caso compungente da pobre baroneza de Freicho.

— E' uma miseria, é uma infamia — disse ella, despertando com um longo suspiro.

Marianinha não se impressionava mais com a attitudo do recolhimento da marquezia, cujo pensamento parecia absorto na recordação do espectáculo do desmoronamento da baroneza de Freicho. Ella estava habituada ao que considerava as exquisitices da comadre, caprichos dos melindrosos nervos de mulher bonita e desoccupada. Mas naquelle momento lhe notava algo de anormal no semblante pallido, uns traços de terror dominando-lhe todos os contornos desgraciosos, a comissura dos labios desforme como um arco desteudido, bambo depois do esforço da emissão da setta...

— Parece — avançou ella, depois de alguns momentos — que a comadre ficou muito impressionada.

— Que horrivel molestia! — exclamou a marquezia — Aquella pobre está morrendo lentamente. E' uma victima.

— Coitadinha! Tão bella, tão cheia de illusões...

A carruagem chegou ao largo do Machado e, como o cocheiro se voltasse para receber ordens, a marquezia lhe disse:

— Para a cidade... largo de S. Francisco de Paula...

A carruagem fez uma rapida deflexão e ladeou a calçada do jardim, rodando lentamente ao passo impaciente dos fozos cavallos, até entrar na rua do Sattete.

— Vamos ver — continuou a marquezia — se esquecemos aquelle horror, dando algumas voltas pela cidade. Estás hoje sequestrada á minha ordem. Tem paciencia, minha querida. Isto succede tão raras vezes...

— Póde dispôr de mim.

— E' uma miseria, uma infamia — murmurou a marquezia, depois de longa pausa, num tom de irrepressivel irritação, como se falasse sósinha, empolgada pela recordação do lamentavel estado da baroneza, que ella conhecera vigorosa e bella, figurando nos salões fluminenses, aonde ascendera arrancada da obscuridade de um lar mais que modesto pela paixão e pelos

haveres do marido. Ella se inebriára naquelle meio estranho com a transformação rapida da sua posição de moça pobre para a situação deslumbrante de esposa rica, adorada pelo marido, a lhe advinhar e excitar os caprichos, tanto mais excessivos quanto mais satisfeitos. Ao principio, ella se precipitou na voragem da vida elegante, arrastada pelo anhelo de se tornar evidente, de se desferrar com esplendores do longo tempo de humilhação na casinha da mãe viuva, uma vivenda de pobre, escondida num asseiro de floresta nas faldas do morro de Santa Thereza, das noites de vigília a trabalhar em costuras para os grandes emporios do luxo, passando longas horas a labutar com sedas e rendas destinadas a ornar formosos corpos ignorados. Veio, mais tarde, uma ancia de coisas phantasticas impossiveis, tornando-se mais cruciante á proporção que o seu delicado corpo soffria as consequencias da mudança de ambiente, como uma flôr sylvestre, nascida na exuberancia de luz, de ar, transportada para a penumbra snave de uma estufa. Tinha tudo e faltava-lhe sempre alguma coisa, uma parte da sua alma, que ella em vão procurava encontrar para se completar para atingir ao sonhado idéal da perfeição.

Faltava-lhe o amor, que é a essencia da mulher, amor que se não vende, nem se compra, amor desinteressado e puro, espontaneo, incompativel com as capitosas emanações da lisonja, da admiração, da concupiscencia, que envenenavam o meio onde o barão de Freicho expunha a mulher, como se exhibe um quadro, uma joia de preço, muito desvanecido de provocar espasmos de admiração.

Nos primeiros tempos de sua peregrinação pelas deliciosas regiões da sociedade opulenta, ella estremecia aos olhares diabolicos, lascivos que parecia lhe lamberem o collo, olhares que a devassavam, provocando-lhe calefrios titanicos elle exacerbavam, em éstos de pudor, todas as suas vacillantes energias de defeza. Habitou-se depois, pouco a pouco. Aquillo que lhe figurava criminosa exacerbação voluptuosa, irreverentes assaltos á sua pessôa, á sua innocencia, ao seu recato de mulher casada, passou á vulgaridade das maneiras chics, toleradas. Aquillo que lhe provocára assomos de colera, causava-lhe, mais tarde, secreto prazer, a delicia de se sentir admirada, desejada, requestada, expandindo-lhe em victoriosos desbordamentos todo o seu orgullio de moça pobre, esquecida na pittoresca, na velha casinha de Santa Thereza.

Muitas vezes, o marido a reprehendera pelos modos selvagens, pelas maneiras bisonhas que, na opinião delle, traíam a humilde procedencia, denunciando-lhe os defeitos de educação,

os vestígios do trabalho, como o picotado d'agulha em dedos esculpturaes. Elle mesmo lhe ponderára a conveniencia de se desprender, pouco a pouco, das antigas relações, das suas companheiras e até da mãe, pobre viuva, deslumbrada pelas prodigalidade do genro.

Ella saboreava o contraste das noites de trabalho, das noites de amargura passadas ao lado da mãe quando lhe vinham os ataques de nervos, accessos de esterismo que a deixavam como morta dias inteiros no inteiramento horrivel de um cadaver vivo, com os grandes olhos abertos numa expressão fixa de pasmo, de uma visão indefinivel. E a perspectiva da orphanidade, do abandono, ficando ella sósinha naquelle lar, donde a morte levára o pae dipsomano, supprimindo um martyrio de vergonha e velipendio, donde se dispersaram as outras irmãs casadas com maridos que as conduziram para longinquas cidades da provincia, as preocupações do futuro, agóra solidamente assegurado, todos os terrores e as incertezas de uma creatura joven e bella, sem um amparo, sem um ponto de apoio para a aspera caminhada da existencia, todos os incidentes da sua mocidade lhe davam particular encanto á vida nova, sem uma nuvem de desgosto, a não ser o empenho do barão em afastal-a da mãe, cuja molestia não podia ser tratada em casa, demandando os cuidados especiaes de uma casa de saúde, o rigor de um regimen inexoravel, incompativel com as concessões da ternura da filha, despezas inuteis com creados, pharmacia e medico, um horror de dinheiro gasto em pura perda.

Leval-a para o palacio com aquelles ataques seria uma inconveniencia; tal mãe, máu grado, os prejuizos affectivos de algum valor moral para a sociedade, seria um tranbolho para perturbar todos os planos da sumptuosa vida do barão. Além disso, era muito fativel que a pobre senhora acabasse louca. Em taes condições, era muito preferivel que ella procurasse o hospital para recobrar a saúde, para attenuar, pelo menos, o seu soffrimento, a ser internada, irremediavelmente perdida num daquelles depositos de segregação, de detricitos humanos. A baroneza resistiu a esse horrivel projecto; escreveu ás irmãs a esse respeito, insistindo na necessidade de uma dellas tomar a seu cargo a velha; ellas, porém, não responderam e ficou resolvido aguardar pacientemente a acção do tempo e da fatalidade.

( *Continúa* )

“OS ANNAES”

*Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e segundo semestre de 1905.*

CARO WALFRIDO—No ultimo numero dos *Annaes*, numero por signal magnifico, o sr. Theodoro Magalhães assignou um artigo a respeito da poesia popular que parece uma refutação em regra a um meu artigo intitulado *Musa Urbana*. Pelo menos, o sr. Theodoro acha a cada passo que «o auctor da *Musa Urbana* não tem razão»...

O auctor sou eu; o caso é commigo.

Ora, peço licença ao nosso illustre collaborador para dizer que s. s. não quiz comprehender o feitiço do meu artigo. Eu não pretendi escrever a historia da modinha nacional nem fallei em *folk-lore*, em primeiro lugar, porque é um assumpto muito tratado; depois, porque não é possível escrever em meia duzia de paginas de uma revista o desenvolvimento de idéas acceitas, taes como a já celebre de que a origem da modinha é o povo, etc... O meu desejo, o escopo de tudo quanto escrevo, é dar a sensação do actual, do que vive agóra, do que não viverá amanhã; é fixar photographicamente passagens da vida intensa de uma cidade, e coloril-as de accordo com o meu temperamento.

Na *Musa Urbana* eu não estudei as modinhas, estudei o aspecto actual, momentaneo, dos versos populares e dos seus principaes auctores. E' um artigo impressionista—uma especie de reportagem. Si assim não fôsse, de certo não transcreveria trechos dos prefacios do Eduardo das Neves, nem daria o nome de alguns seresteiros celebres.

O sr. Theodoro de Magalhães resolveu contestar coisas que são opiniões pessoas taes como a de eu ter dito que o commentario dos factos politicos e sociaes nas cançonetes appareceu neste ultimo periodo. S. s. eruditamente váe buscar exemplos que são excepções.

Si o sr. Theodoro mostrar-me, por exemplo, dez dessas manifestações poeticas resultantes de qualquer acontecimento politico ou social em 1880, revogo as disposições em contrario. Mas o certo é que o nosso collaborador não apresenta nem tres, nem duas, nem talvez uma cançõeta de troça do anno de 1880, ou de 85, ou de 70, ou de 88, ao passo que de 1890 para cá, com um pouco de trabalho, poderá reconstituir a nossa historia através das canções populares.

Mas o diabo é essa teimosia em querer transformar um genero, um feitiço, uma feição de litteratura informativa e moderna em estudos gravemente solemnes. Não é só o sr. Magalhães. A proposito das *Religiões no Rio*, alguns senhores acharam que eu não tinha aprofundado! Ainda agóra, depois de meus artigos de impressão pessoal sobre a Detenção, cavalheiros respeitaveis mandaram-me dizer, em carta, que eu não citei o Lombroso, que eu não expliquei bem o ponto tal do Codigo e que são escassos os documentos para formar opiniões...

Mas, Deuses protectores! Quando se convencerão de que esses artigos são apenas impressões momentaneas — como as notas do grande romance da cidade que se transforma?

Talvez nunca!

Teu nunc et semper

JOÃO DO RIO.

## XADREZ

### 3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Está aberta a inscripção para o 3º torneio do Club dos Diarios. Pelas informações que temos, a lucta será travada apenas entre os socios do Club. E' uma restricção que tirará ao torneio parte do seu successo, pois, se é certo que ao Club pertencem os nossos melhores jogadores, como sejam Theophilo Torres, Heutz, Silva, Piza, H. Bastos, para não falar em Caldas Vianna, mestre de todos, tambem é certo que fóra do Club ha jogadores de força que provavelmente concorreriam. O xadrez no Brazil ainda é pouco cultivado, de maneira que uma instituição como o Club dos Diarios, que é o unico centro enxadrístico do Rio de Janeiro, deveria, parece-nos, pôr-se á frente do movimento de propagação do jogo, reservando a frequencia do seu salão aos socios, mas abrindo-o indistinctamente a todos os amadores na occasião dos torneios, para os que quizerem concorrer á prova. Seremos felizes se estas considerações calarem no espirito dos dignos directores do Club.

De qualquer fórmula, nós acompanharemos todas as phases do brilhante certame e pomos nossas columnas á disposição da directoria do Club.

O torneio começará a 25 de setembro e será em dois turnos, isto é, cada jogador jogará duas partidas com todos os outros. Se algum amator abandonar o torneio antes de ter terminado o 1º turno, as partidas que elle tiver jogado serão annulladas; no caso contrario contar-se-á um ponto para aquelles com quem não tiver jogado no 2º turno. As partidas se realizarão nos dias uteis de 3 ás 7 da tarde e de 8 ás 11 da noite e nos domingos e feriados, de 1 ás 7 e de 8 ás 11.

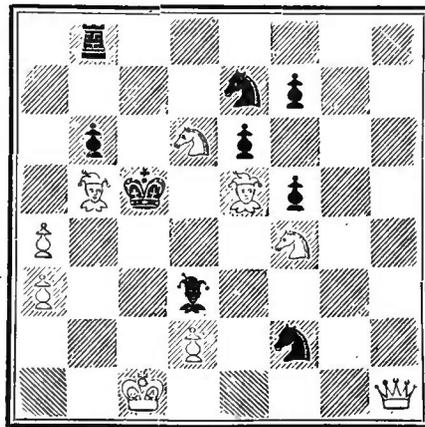
Cada concurrente jogará pelo menos quatro partidas por semana. As partidas ganhas contam-se por um ponto e as nullas e empatadas por meio ponto para cada jogador. Só se começará o 2º turno depois de terminado o 1º. Haverá dois premios para os vencedores. Em caso de empate, será jogada um *match*, que se decidirá pelas duas primeiras partidas ganhas. São estas as principaes condições do torneio.

— O dr. Caldas Vianna não concorrerá.

### PROBLEMA N. 19

A. Fraissé

PRETAS (9)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances.

PARTIDA Nº 19 (a)

RUY LOPEZ

Branças

Pretas

(M. S. Denn) P. N. Perwago)

P 4 R — 1 — P 4 R  
C 3 B R — 2 — C 3 B D

B 5 C D — 3 — B 5 C D (b)  
P 3 B D — 4 — B 4 T D  
Roque (c) — 5 — C R 2 R!  
C 3 T D (d) — 6 — Roque  
D 4 T D (e) — 7 — P 4 D! (f)  
B X C — 8 — C X B  
C X P (g) — 9 — C X C  
D X B — 10 — C 6 B R x !!  
R 1 T (h) — 11 — D 3 D  
P X C — 12 — D 5 B R  
R 2 C (i) — 13 — B 6 T R x !!  
R X B — 14 — D X P B x  
R 4 T — 15 — P 4 C R x!  
R X P — 16 — R 1 T !!  
R 4 T — 17 — T 1 C R  
P 3 T R — 18 — D 5 B R x  
R 5 T — 19 — D 4 C R mate (j)

(a) O capitão P. N. Perwago era um amator de boa força; conquistou um premio no torneio internacional por correspondencia do *Monde Illustré*, sobre o gambito Rice. Antes da guerra russo-japoneza estava na guarnição de Piatigorsk no Caucaso. No outomno de 1904, inscreveu-se como voluntario no exercito activo da Mandchuria, onde commandava um batalhão no 88º regimento de infantaria de Petrowsk. Seu regimento reunido ao de Neuchlot tinha tomado de assalto a celebre collina Poutilow na batalha de Cha-Ho. Durante este assalto o capitão Perwago morreu no campo de honra. Na vespera dessa batalha jogou uma partida de xadrez com o tenente Denn, que na batalha foi gravemente ferido. Logo que se restabeleceu, o tenente Denn annotou a partida memoravel e me a enviou.

(b) Defesa *Alapin*, que me parece a unica que eguala os jogos. Com esta defesa *Alger* conseguiu com as pretas ganhar uma partida por correspondencia contra *Marselha*. Ainda mais facil para as pretas é: 3... P 3 T D, 4 — B 4 T D, B 5 C D, etc.

(c) Ou antes: 5 — B X C, P D X B; 6 — C X P, D 2 R; 7 — P 4 D, P 3 B R; 8 — D 5 T R x, P 3 C R; 9 — C X P C, D X P x; 10 — B 3 R, D X C; 11 — D X B, D X P etc.

(d) Ou antes: 6 — B X C, C X B; 7 — P 4 C D, B 3 C D; 8 — P 5 C D, C 4 T D; 9 — C X P, Roque; 10 — P 4 D, D 1 R!; 11 — D 3 D, P 4 B R!; 12 — C 2 D, P 3 D; 13 — C R 3 B R, P X P; 14 — C X P, B 4 B R; 15 — T 1 R, R 1 T!; 16 — P 5 D, D 3 C R; 17 — C 4 T R, B X P x, etc.

(e) Para 7 — C 4 B D ha P 4 D!

(f) B 3 C D seria inferior por causa de C 4 B D.

(g) Este ganho de um pião custa a partida.

(h) Por 11 — P X C, D 4 C R x; 12 — R 1 T, D 5 B R, etc., se chega ao mesmo resultado.

(i) Ou antes 13 — D X P D, D X P B x; 14 — R 1 C, B 6 T R; 15 — D 5 C R, D 7 R!, e ganham.

(j) O tenente Denn escreve-me que o arrojado furioso do capitão durante a batalha egualava o da presente partida, altamente brilhante! (*Notas de S. Alapin*)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 19 (*Tacito & Lipman*):

1 — C 4 C, R X T; 2 — D 4 B x, R 4 B, 3 — C 7 R mate!

1 — ..., ..., 2 — ..., R 6 B; 3 — C 5 R mate;

1 — ..., R X C; 2 — D X P, R 4 T; 3 — D 7 T mate.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes» encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.